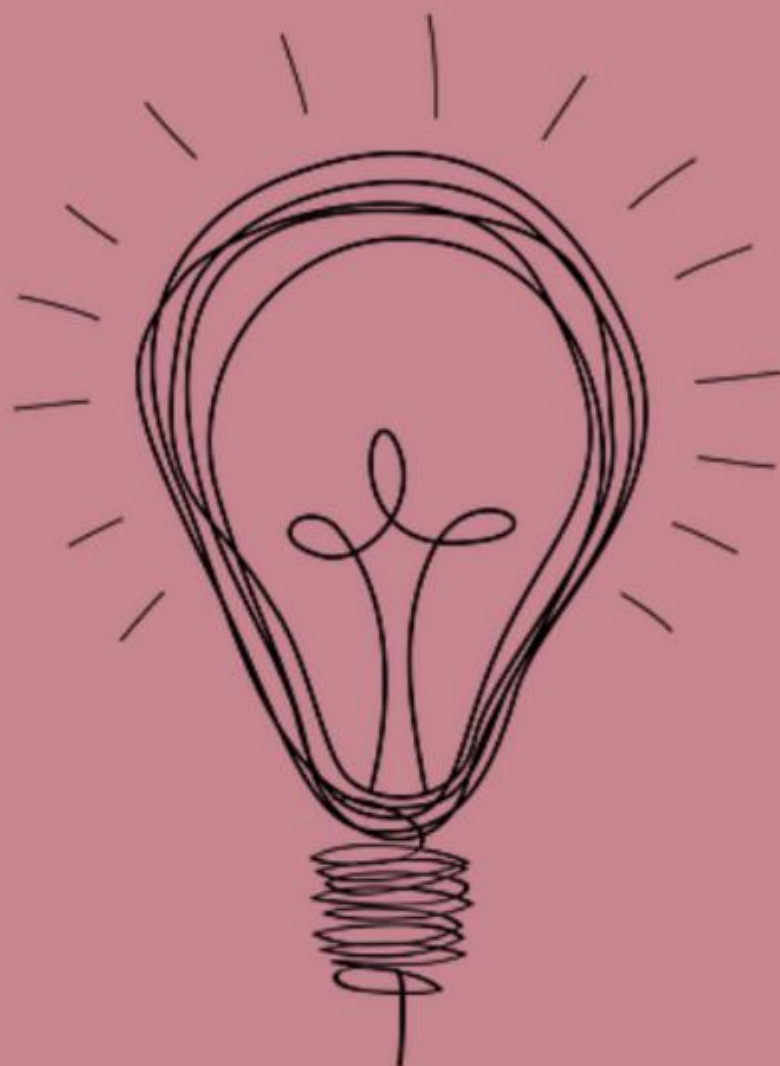


O DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA PUC MINAS APRESENTA:

# 1º SEMINÁRIO DO LAPHIS - LABORATÓRIO DE PESQUISA HISTÓRICA

PENSAR A HISTÓRIA:  
MÉTODOS E HISTORIOGRAFIA

---



## CADERNO DE RESUMOS

11 e 12 de Setembro de 2019  
PUC Minas Coração Eucarístico

REALIZAÇÃO:

APOIO:

LAPHIS



Laboratório de  
Arqueologia  
LAPHIS



DA-HISTÓRIA



FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

P816p Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Seminário do LAPHIS -  
Laboratório de Pesquisa Histórica (1.: 2019 : Belo Horizonte, MG)  
Pensar a história: métodos e historiografia [recurso eletrônico] /  
organizadores Andressa Lopes Gomes Marques Menezes ... [et al]. Belo  
Horizonte: PUC-MG, 2019. - (Caderno de Resumos).  
*E-book* (caderno de resumos. p. 136)

ISSN: 2178-1044

1. História - Congressos. 2. Historiografia. 3. Pesquisa histórica -  
Congressos. I. Menezes, Andressa Lopes Gomes Marques. II. Pontifícia  
Universidade Católica de Minas Gerais. Departamento de História. III. Título. IV.  
Série

SIB PUC MINAS

CDU: 930.23

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086



Andressa Lopes G. Marques Menezes, Annelise da Silveira Ferreira, Bertha Luiza Moutinho, Barbara Lopes Heleno, Bruna Carolina da Silva, Carolina Fernandes Del Rio Hamacek, Bruno Viveiros Martins, Calebe Ericksson de Carvalho, Fernanda Mendes Santos, Francisco Alan Cavalcante Marins, Jacyra Antunes Parreira, Juliana de Souza Soares, Letícia Costa Marcolan, Letícia Silva Azevedo, Mariana Brescia Cruz, Marília Persechini Mendes, Mateus Roque da Silva, Matheus Rafael Gonçalves, Nilo Correia de Queiroga Neto, Rafael dos Santos Vieira, Vitor Paulo Azevedo de Araújo, Wanderson Fabrício Portugal (Org.)

# **PENSAR A HISTÓRIA: MÉTODOS E HISTORIOGRAFIA**

## **Caderno de Resumos 1º Simpósio do LAPHIS**

**1ª Edição**

Belo Horizonte  
PUC-MG  
2019



Belo Horizonte  
Instituto de Ciências Humanas – PUC Minas  
11 e 12 de Setembro de 2019

**Grão-chanceler da PUC Minas**

Dom Walmor Oliveira de Azevedo

**Reitor da PUC Minas**

Prof. Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

**Chefe de Gabinete da PUC Minas**

Prof. Paulo Roberto de Sousa

**Diretora do Instituto de Ciências Humanas**

Prof.<sup>a</sup> Carla Ferretti Santiago

**Chefe de Departamento e Coordenadora do Curso de História**

Prof.<sup>a</sup> Jacyra Antunes Parreira

**Realização**

Comissão Organizadora do 1º Simpósio do LAPHIS  
Departamento de História – PUC Minas  
Laboratório de Pesquisa Histórica – LAPHIS/ PUC Minas  
Laboratório de Arqueologia – UFMG



## Comissão Organizadora

Andressa Lopes G. Marques Menezes  
Annelise da Silveira Ferreira  
Bertha Luiza Moutinho  
Barbara Lopes Heleno  
Bruna Carolina da Silva  
Bruno Viveiros Martins  
Calebe Ericksson de Carvalho  
Carolina Fernandes Del Rio Hamacek  
Fernanda Mendes Santos  
Francisco Alan Cavalcante Martins  
Jacyra Antunes Parreira

Juliana de Souza Soares  
Letícia Costa Marcolan  
Letícia Silva Azevedo  
Mariana Brescia Cruz  
Marília Persechini Mendes  
Mateus Roque da Silva  
Matheus Rafael Gonçalves  
Nilo Correia de Queiroga Neto  
Rafael dos Santos Vieira  
Vitor Paulo Azevedo de Araújo  
Wanderson Fabrício Portugal

## Comitê Científico

Calebe Ericksson de Carvalho  
Fernanda Mendes Santos  
Francisco Alan Cavalcante Martins  
Jacyra Antunes Parreira  
Juliana de Souza Soares

Letícia Costa Marcolan  
Mateus Roque da Silva  
Vitor Paulo Azevedo de Araújo  
Wanderson Fabrício Portugal

## Equipe de Apoio

Alexandre Henrique Gonçalves Martins  
Ana Clara Alves Leite  
Ana Lídia de Paula Santos  
Bianca Freire Neiva  
Daniele Reis Souza  
Emanuely Ramos da Silva  
Gabriella Nunes Claudio  
Gabriella Teixeira Fonseca  
Gabriely Silva Zeferino  
Guilherme Augusto Silva Leis  
Guilherme César Tavares Melgaço  
Gustavo Henrique Pereiro dos Santos  
Gustavo Gonçalves Miranda Moreira  
Iago M. Vieira  
Iago Nathanael Vieira Mufaz  
João Pedro Dias Silva  
João Pedro Gonçalves Dornelas  
João Victor Lessa Henrique

João Victor Virtuoso Mendes  
Júlia Victória Gomes  
Letícia Silva Azevedo  
Lucas Ferreira Carvalho  
Lucas Tasso Dias  
Luiz Alberto Campos  
Luiz Gustavo Santos Martins  
Luiz Marcelo Viegas Silva  
Marcia Elaine Morais Lima  
Mariana Ferreira de Souza  
Mariana Gaillac Vidal  
Matheus Augusto Costa Rodrigues Santos  
Natália Pereira dos Santos Costa  
Rafael Poeiras Corrêa  
Tamara Marques de Araujo Silva  
Thamiris Fernandes Rodrigues  
Wagner Gonçalves Passos



### **Equipe de Audiovisual**

Christian Henrique Pereira Oliveira  
Gabriela Alves Ferreira  
Gabriel Ermano Silva Neves

### **Editoração**

Letícia Costa Marcolan  
Mateus Roque da Silva

### **Apoio**

Atlética do ICH – PUC Minas  
DA de História – PUC Minas

### **Apoio Secretaria Acadêmica do Curso de História – ICH – PUC Minas**

Cláudio Lucas Neres Correia	Marcus Vinícius Barbosa Vieira
Durcinéia Márcia Silva	Marília Eunice de Assis
Guilherme Henrique Moreira Miranda	Samuel Lucas Dumer
Jefferson Diogo Estevão dos Santos	Thales Riquetti Von-Rondov

### **Apoio Biblioteca Padre Alberto Antoniazzi – PUC Minas**

Roziane do Amparo Araújo Michielini - CRB 6/2563



## Sumário

<b>Simpósio Temático - História e Ensino</b> .....	6
Resumo das Comunicações do ST – História e Ensino.....	8
<b>Simpósio Temático - História e Estudos Transdisciplinares</b> .....	28
Resumo das Comunicações do ST – História e Estudos Transdisciplinares.....	29
<b>Simpósio Temático - História e Literatura</b> .....	43
Resumo das Comunicações do ST – História e Literatura .....	44
<b>Simpósio Temático - História das Minas Coloniais</b> .....	55
Resumo das Comunicações do ST – História das Minas Coloniais .....	56
<b>Simpósio Temático – História, Subjetividades e Resistência</b> .....	69
Resumo das Comunicações do ST – História, Subjetividades e Resistência.....	70
<b>Simpósio Temático - História e Gênero</b> .....	82
Resumo das Comunicações do ST – História e Gênero .....	83
<b>Simpósio Temático – História, Resistências, Culturas e Práticas Políticas</b> .....	97
Resumo das Comunicações do ST – História Resistência, Culturas e Práticas Políticas .....	99
<b>Simpósio Temático – Comunicação Livre</b> .....	126
Resumo das Comunicações do ST – Comunicação Livre.....	127



## SIMPÓSIO TEMÁTICO – HISTÓRIA E ENSINO

### Coordenação

**Lorene Dos Santos**

Doutora em Educação – UFMG  
lorenedossantos@gmail.com

**Gisele Guimarães Oliveira**

Mestre em Educação – PUC Minas  
professoragiseleguima@gmail.com

### Comunicações

1. ALMEIDA, Douglas Felipe. *O ensino de História para além do quadro: antecedentes e possibilidades.*
2. ARAUJO, Anderson Luiz Barbosa; CORDEIRO, Jefferson Melo. *A desconstrução de representações históricas como meio para consciência histórica em sala de aula.*
3. AZEVEDO, Letícia Silva; COSTA, Ana Carolina Oliveira Dias; SOUZA, Lorena Santos. *Exotismo à Resistência: afro descendência em análise e construção.*
4. BAETA, Thiago Antunes; MARQUES, Fernanda Gomes. *A docência no campo: Porque definir identidades?*
5. DIAS, Raissa Quiterio; ROMÃO, Samuel Leite Fonseca. *Formando Alunos-pesquisadores: O uso de fonte como metodologia participativa no ensino de História.*
6. DUARTE, Larissa Gouveia. *¡Qué viva la América! O estudo de espanhol através da música "Latinoamérica", de Calle 13, a partir da abordagem intercultural para alunos da Educação Básica.*
7. HELENO, Barbara Lopes. *Educação Patrimonial como dispositivo de construção da atuação cidadã.*
8. MACIEL, Ana Luísa Reis; RATES. Millena de Pádua. *Cultura escolar e o efeito Wilamowitz.*
9. MAGALHÃES, Eduardo Barros. *Para estudos de gênero no ensino médio.*
10. MELO, Jeane Carla Oliveira de. *Ensinar História no Brasil oitocentista: o manual didático Resumo de História do Brasil (1868) de Herculana de Sousa.*
11. MOREIRA, Gabriella Figueiredo do Carmo; TINOCO, Karolinne de Souza. *América: Conquista, Invenção ou Descoberta, um debate historiográfico e educacional*





12. NEVES, Gabriel Ermano Silva. *O papel dos games como ferramentas de educação não-formal.*
13. PASSOS, Wagner Gonçalves; FURTADO, Felipe Pereira. *Correspondência (carta) como fonte documental e instrumento didático.*
14. SENA, Pedro Luiz Teixeira de. *Jogos pedagógicos e o ensino de história.*
15. TEIXEIRA, Maria Renata de Alvarenga Guimarães. *A microhistória em sequências didáticas para o ensino de História.*
16. VIEIRA, Rafael dos Santos; OLIVEIRA, Tallita Ertal de. *Discutindo a relação étnico-racial perante a História: A identificação étnica-racial dos estudantes da rede pública de Minas Gerais.*
17. VIRGINO, Bruno. *História e Memória do Colégio Trigueiro na cidade de Bonfim-MG (1901 - 1945).*



## Resumo das Comunicações do ST – História e Ensino

### 1. O ensino de História para além do quadro: antecedentes e possibilidades

**Douglas Felipe Gonçalves de Almeida**  
Graduando – PUC Minas  
df.galmeida@outlook.com

**Palavras-chave:** Educação; Ensino; Disciplina Escolar; Metodologias.

Esse trabalho tem por objetivo apresentar um panorama histórico dos modos e metodologias de ensino de história e através desse panorama, elucidar possibilidades metodológicas exequíveis no ensino de história, críveis ser correspondentes e adequadas para a aquisição, ordenamento e sistematização do saber histórico como disciplina científica. Objetiva-se pensar o ensino de história ao longo do tempo de modo geral e expor historiografias possíveis e métodos aplicáveis para um ensino da disciplina de História e a inteirar como campo legítimo do saber, área científica do conhecimento humano. Tende-se intento de alvitar possibilidades metodológicas que são postas no ofício do historiador e que integraliza e complementa a formação do discente para além do quadro, rompendo de formas arcaicas não mais correspondentes e dos focos em ditos grandes personagens ou da eurocentração histórica. Pretende-se aqui laborar com lados antagônicos, de um ensino com muitas faltas e de outro, as múltiplas formas e modos possíveis para transmissão do saber histórico.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Ensino

### 2. A desconstrução de representações históricas como meio para consciência histórica em sala de aula

**Anderson Luiz Barbosa Araujo**  
Graduando – PUC Minas  
anndlz41@gmail.com

**Jefferson Melo Cordeiro**  
Graduando – PUC Minas

**Palavras-chave:** Sala de Aula; Representações Históricas; Consciência Histórica; PIBID.

O licenciamento e a pesquisa sobre as diversas facetas do ensino básico por vezes nos oferecem elementos teóricos, que em convívio com a sala de aula e sua pluralidade, necessitam ser retrabalhados e ressignificados. O presente artigo busca explicitar os impactos das representações históricas na sala de aula, bem como explorar as possíveis formas de desconstruir estas concepções a fim de propiciar, por parte do aluno, o desenvolvimento de uma consciência histórica e auxiliar na descoberta de novos parâmetros identitários. A consciência histórica se constitui quando o indivíduo consegue se identificar historicamente e, a partir desse processo, se sente parte da história, um sujeito histórico. Os vestígios históricos que levam o indivíduo a este reconhecimento são as representações, seja por meio de obras artísticas, filmes, literatura, ciência e demais outras formas de expressão que, quando não analisadas de maneira crítica podem levantar conclusões equivocadas a respeito do passado. Isto é, como o aluno negro se sente quando as representações históricas de seus antepassados são pautadas apenas em derrotas? A resposta, na maioria dos casos, é uníssona: este aluno não se sente parte desta história, não se reconhece no passado. A partir de um trabalho realizado na Escola Estadual Madre Carmelita, os autores participantes do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) puderam observar os desafios em desconstruir representações e fomentar discussões sobre o passado na tentativa de promover a consciência histórica dos alunos. Embora não tenha sido uma demanda evidente por parte dos discentes, um questionário realizado na escola explicitava as discordâncias no que tange às categorias de ‘raça’ e ‘cor da pele’ perguntadas. Alunos negros possivelmente não se identificavam como tais por causa de representações históricas relativas ao seu passado, edificando uma visão histórica pautada em vencedores e derrotados. Em suma, o dismantelamento de representações



históricas é fundamental para o desenvolvimento da consciência histórica. As experiências vividas durante a execução do projeto nesta escola atestam a dificuldade dos alunos em se identificarem com seus antepassados devido a construções históricas pautadas em relações de poder, além das barreiras criadas por uma interpretação voltada para os grandes heróis que suprime totalmente a possibilidade de “pessoas comuns” se sentirem integrantes da história.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Ensino

### 3. Exotismo à Resistência: afro descendência em análise e construção

**Letícia Silva Azevedo**

Graduanda em História – PUC Minas

Leticiaadogs2011@hotmail.com

**Ana Carolina Oliveira Dias Costa**

Graduanda em História – PUC Minas

cdias1264@gmail.com

**Lorena Santos Souza**

Graduanda em História – PUC Minas

santossouza2308@gmail.com

**Palavras-chave:** Ensino; África; Resistência.

O trabalho dialoga com o campo do conhecimento em Ensino de História através de um relato de experiência acerca das atividades desenvolvidas no primeiro semestre de 2019, do programa Residência Pedagógica. O projeto intitulado “Negritudes no Brasil”, foi planejado e executado junto à turma do 8º ano E, da Escola Municipal Professora Eleonora Pieuruccetti, sob a supervisão do professor Mariano Diniz e execução das residentes Ana Carolina Dias, Letícia Azevedo e Lorena Santos. Iniciamos as discussões com uma lista de insights a partir da palavra África, visando compreender o nível de aproximação dos mesmos com a temática proposta. Para mapear essas percepções e desenvolver o projeto tendo como ponto de partida o aluno, montamos uma nuvem de palavras na qual expressa as palavras em tamanhos diferentes e proporcionais à recorrência com que foram apontadas pela turma, assim sendo, as palavras em maior evidência foram: cultura (exotismo), natureza, animais, negros, pobreza, violência, desnutrição e carência. Em meio as discussões eles relataram que essa é a África vista “na TV”. O trabalho que se desenvolveu se baseou na proposta dos métodos inovadores, os quais apostam na ampliação metodológica inserindo audiovisuais, filmes, depoimentos, artigos de revistas e jornais, músicas e diversas outras produções de conhecimento sociais. (BITTENCOURT, 2018). As principais discussões versaram sobre temas como: Negros não são descendentes da escravidão, mas da liberdade; discussão de gênero através da leitura e produção de textos referentes às rainhas e guerreiras africanas, destacando a atuação feminina em espaços de poder; uma longa discussão sobre resistência no período escravocrata,



abordando tanto a formação de quilombos quanto as negociações na sociedade escravocrata, entendendo o cativo enquanto sujeito histórico; finalizando com a posição dos negros no quadro social atualmente. Para o fechamento e avaliação das discussões voltamos a proposta inicial e pedimos uma nova lista de palavras a partir da palavra África, e as recorrências foram: Resistência, Tráfico Negreiro, Escravidão Mercantil, Direitos, Discriminação Racial, Identidade, Lutas, Cultura, Abolição e Rainhas Africanas. Nessa segunda Nuvem de Palavras podemos perceber que nosso trabalho foi concluído com sucesso, uma imagem de África enquanto identidade e não reduzida ao espaço geográfico ou às questões de calamidade de ordem econômica e política, foi construída nas relações e produções em sala de aula.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Ensino

### 4. A docência no campo: Porque definir identidades?

**Thiago Antunes Baeta**

Pós-graduando em Educação – PUC Minas  
antunesthiago@yahoo.com.br

**Fernanda Gomes Marques**

gmarques@outlook.com

**Palavras-chave:** Identidades; Docência; Historiografia; Docência no Campo.

À formação dos professores e professoras são impressos diferentes aspectos, com influências que são de ordem econômica, social, cultural e espacial. Ao longo de sua vida, incluindo o tempo em que exerce a profissão docente, os saberes adquiridos a partir de diferentes percepções do mundo, contribuem para a formação de uma identidade profissional. Ensino e aprendizagem se revelam como construções que, em muitos casos, se desenvolvem imersas em um contexto histórico, capaz de produzir memórias e, também, esquecimentos. A composição da memória se faz a partir das diferentes esferas dessas influências e a essas, pode-se considerar, elementos que, imbricados, contribuem para a constituição das identidades. Pretende-se aqui destacar as identidades peculiares dos professores e professoras que atuam nas escolas do campo, aliás, problematizar as dificuldades para abordar identidades da docência no campo. Para isso, há que percorrer um caminho que possa sustentar a construção (ou não) de uma identidade.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Ensino

### 5. Formando Alunos-pesquisadores: O uso de fonte como metodologia participativa no ensino de História

**Raissa Quiterio Dias**

Graduanda em História – PUC Minas

raissaq.dias@gmail.com

**Samuel Leite Fonseca Romão**

Graduando em História – PUC Minas

**Palavras-chave:** Ensino de História; Residência Pedagógica; Fonte Primária; Metodologias Participativas.

O presente trabalho visa apresentar um breve relato de experiência no programa Residência Pedagógica, no qual foram desenvolvidos trabalhos na área de ensino de História buscando a participação dos alunos na construção das aulas através do uso das fontes primárias e material bibliográfico. Além disso, ele se presta como uma reflexão acerca da necessidade desse trabalho conjunto para a formação completa e humanística dos alunos. Formar alunos-pesquisadores não é sinônimo de historiadores, mas sim alunos capazes de perceber o mundo ao seu redor com olhar crítico e perspicaz, mas ao mesmo tempo curioso e austero. Neste trabalho se prezou a capacidade dos alunos de avaliarem a realidade em que vivem, colocando-os como protagonistas de sua formação. A partir do trabalho do professor como mediador se fez possível a construção conjunta do conhecimento e é esta a perspectiva que desejamos deixar, a possibilidade de participar de uma formação cidadã e autoconsciente de jovens capazes de conhecer e compreender o meio em que vivem, podendo este então agir como agentes-históricos conscientes na construção do mundo por vir.





## Resumo das Comunicações do ST – História e Ensino

### 6. ¡Qué viva la América! O estudo de espanhol através da música "Latinoamérica", de Calle 13, a partir da abordagem intercultural para alunos da Educação Básica

**Larissa Gouveia Duarte**

Especialista em Ensino de Língua Espanhola – PUC Minas  
larissagd2015@gmail.com

**Palavras-chave:** Latinoamérica; Abordagem Intercultural; Espanhol.

A presente exposição consiste em um relato de experiência que objetiva descrever o estudo da música "Latinoamérica", do grupo Calle 13, no ensino de espanhol no contexto da Escola Integrada, em Belo Horizonte. As aulas, que têm como público alvo alunos do oitavo e do nono anos do Ensino Fundamental, se pautam pela abordagem intercultural. Os alunos puderam ter contato com culturas latino-americanas e tomar conhecimento sobre parte da história dos países da região, como a Guerra das Malvinas e a Operação Condor, através do clipe e da letra da música, considerada por nós um gênero textual literário, a partir de um conceito amplo de literatura, conforme Antonio Candido no ensaio “O direito à literatura”, para quem literatura é toda criação ficcional ou poética, desde o samba carnavalesco ao noticiário policial.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Ensino

### 7. Educação Patrimonial como dispositivo de construção da atuação cidadã

**Barbara Lopes Heleno**  
Pós-graduada – PUC Minas  
barbaralopes@gmail.com

**Palavras-chave:** Educação Patrimonial; Identidade; Memória; Patrimônio Cultural.

Este trabalho busca discutir a importância e estimular o pensar da Educação Patrimonial como ferramenta para o desenvolvimento e formação do sujeito crítico e ativo enquanto cidadão. Trabalhar o patrimônio envolve exercitar a conscientização e percepção do espaço ao qual se está inserido, ou seja, se localizar enquanto parte da sociedade, uma vez que, o conceito de patrimônio cultural inclui também identidade e memória. Nessa perspectiva, a escola se torna mediadora desse processo, pois, muitas vezes, é onde a criança tem o primeiro contato com o diferente, e essa troca contribui na construção das identidades, e mais ainda, em como ela percebe os outros e a si mesma. Esse conceito de identidade nos ajuda a pensar a pluralidade cultural, que fortalece os laços identitários, e promove o sentimento de se fazer parte de um grupo, além de combater preconceitos étnicos, religiosos, sociais e políticos. Por fim, estimular a prática da educação patrimonial no ensino de História significa compreender a importância do passado não em uma perspectiva reduzida a lugares e pessoas privilegiadas, mas sim passar a perceber a sua escola, e sua comunidade como parte desse patrimônio da sociedade, porque é um lugar de construção de memórias e logo, de identidades, e por isso, deve ser cuidado como o restante dos patrimônios. Essa concepção leva o sujeito a se identificar enquanto parte dessa comunidade e reforça seus laços sociais, valorizando, conhecendo, preservando, participando e exercendo socialmente e politicamente seus direitos e deveres enquanto cidadão.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Ensino

### 8. Cultura escolar e o efeito Wilamowitz

**Ana Luísa Reis Maciel**  
Graduanda – PUC Minas

**Millena de Pádua Rates**  
Graduanda – PUC Minas  
millenarates@gmail.com

**Palavras-chave:** Cultura escolar; Efeito Wilamowitz; Didática.

O presente estudo se debruça sobre o conceito de Cultura Escolar, que surgiu nos anos 1980, mas se desenvolveu em 1990; sobre as definições de didática e suas atribuições; e sobre como as demandas da escola podem influenciar a História acadêmica. Tal fenômeno é conhecido como efeito Wilamowitz e se trata de um movimento contrário ao que convencionou-se como natural para o senso comum. Tem como objetivo pensar sobre como se dá a comunicação entre universidade e comunidade possibilitando essa retroalimentação que flexibiliza os papéis de criação e reprodução da produção da ciência histórica, bem como das demais ciências.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Ensino

### 9. Para estudos de gênero no ensino médio

**Eduarda Barros Magalhães**

Graduanda - PUC Minas

eduardabarros@gmail.com

**Palavras-chave:** Relações de gênero; Ensino de História; Ideologias e símbolos.

Resumo Aborda a construção da consciência histórica e desnaturalização das relações de gênero, que estruturam nossa sociedade. Entende a necessidade do desenvolvimento de interpretações críticas da História e a aproximação do conteúdo da matéria à realidade dos alunos. Para tanto, em aulas, foram desenvolvidas análises de discursos em revistas e músicas, voltadas para o público jovem, de acordo com seu contexto e ideologia dominante. Contempla a dinâmica cultural da socialização feminina e masculina, considerando em maior destaque a afirmação de identidades; sexualidade; e expectativas postas ao indivíduo, vivenciadas de acordo com seu respectivo gênero.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Ensino

### 10. Ensinar História no Brasil oitocentista: o manual didático *Resumo de História do Brasil (1868)* de Herculana de Sousa

**Jeane Carla Oliveira de Melo**  
Doutoranda em História - UFMG  
jeane\_melo@ifma.edu.br

**Palavras-chave:** Ensino de História; Manuais Didáticos; Brasil oitocentista.

A presente comunicação visa analisar os aspectos principais do manual didático *Resumo de História do Brasil (1868)* de autoria de Herculana Firmina Vieira de Sousa, uma das poucas mulheres a produzir conhecimento histórico no século XIX. Este trabalho trata-se de uma pesquisa de doutorado em andamento e objetiva pensar o livro didático como fonte histórica carregada de múltiplos significados e complexidades, na perspectiva posta por Circe Bittencourt e Alain Choppin. Portador de representações e repertórios culturais, o manual didático *Resumo de História do Brasil*, adotado pelas escolas secundárias maranhenses, narra a história do Brasil do ponto de vista das elites ilustradas pertencentes ao IHGB – tendo por missão também civilizar através da escola – a infância e a juventude brasileira. A partir de um enfoque metodológico baseado na micro-história, buscaremos articular aspectos entre a construção historiográfica da obra e o lugar social ocupado pela autora, então professora de Primeiras Letras da Vila de Cururupu na província do Maranhão.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Ensino

### 11. América: Conquista, Invenção ou Descoberta, um debate historiográfico e educacional

**Gabriella Figueiredo do Carmo Moreira**

Graduanda – PUC Minas  
gfcmoreira5@gmail.com

**Karoline de Souza Tinoco**

Graduanda – PUC Minas  
karolinne.souza@sga.pucminas.br

**Palavras-chave:** América Colonial; Educação Básica; Invenção da América.

O objetivo do trabalho é refletir, compreender e questionar o uso do termo “descoberta” em detrimento de “conquista” ou “invenção”, principalmente em relação ao seu uso nas instituições de ensino básico, perpetuando a ideia de descoberta da América no imaginário social. Logo, essa análise abre caminho para a sugestão de mudanças a serem implementadas nos ambientes escolares, aderindo a uma possível valorização dos estudos latino-americanos e rompendo com uma historiografia eurocêntrica que sempre foi imposta. Ao realizar uma rápida pesquisa pelos dicionários, seja via web ou em material físico, podemos perceber a definição do conceito de descoberta como “ação de descobrir, de remover o que protegia, ocultava; descobrimento”, “ação de achar o que ninguém havia encontrado antes”, na perspectiva histórica é definido como “feito histórico que marca a conquista, dominação ou exploração, de um território desconhecido: descoberta das Américas”, por extensão se entende como “aquilo que se inventa, cria; invenção, criação” e, no sentido figurado, como “o que se experimenta, se vivencia pela primeira vez: descoberta do amor” (RIBEIRO, 2017). O uso do conceito de “Descoberta da América” é um tanto equivocados, como podemos perceber após a apresentação dos significados que carrega o termo “descoberta”, fortalecendo um ideal eurocêntrico para a historiografia latino-americana. O não reconhecimento do indivíduo como sujeito autônomo e singular acarreta em um “mau encontro”, termo defendido por Todorov para justificar os atritos das relações entre os espanhóis e os nativos, resultando na exploração do Novo Mundo pelos colonizadores. O comportamento dos espanhóis é motivado pelo impulso de enriquecer a empresa espanhola, desejo de domínio representado pela ideia



prejulgada que imputaram sobre os indígenas, comparando-os como um “meio caminho entre os homens e os animais” (TODOROV, 2016, p.211). Os sujeitos são seres que constroem, de maneira ambígua ou não, a sua história, sujeitos que estão nos processos sociais da história, inseridos nas práticas cotidianas, na cultura como meio de expressão em relação às vivências da vida. Todorov em sua obra “A conquista da América: a questão do outro” nos mostra que os teóricos espanhóis ao escreverem sobre a América “falam bem dos índios, mas não fala aos índios” (TODOROV, 2016, p. 190) e somente dialogando com os povos nativos poderão reconhecê-los como sujeitos, e apenas a partir desse reconhecimento é que seria possível entender que não se descobre algo que já é habitado de forma complexa.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Ensino

### 12. O papel dos games como ferramentas de educação não-formal

**Gabriel Ermano Silva Neves**

Graduando em História – PUC Minas

historiadoneves@hotmail.com

**Palavras-chave:** Educação não-formal; Games; Assassins Creed; Ensino de História.

No presente trabalho busco apresentar uma nova abordagem sobre a utilização de games como ferramenta educacional. Entretanto, analisando algumas pesquisas e artigos contemporâneos acerca da temática, decidi trabalhar com uma nova possibilidade no campo educacional, a educação não-formal. Debruçando-me em alguns autores que trabalham a temática, desenvolvi um projeto que tem como o recorte a franquia de jogos da empresa Ubisoft, Assassins Creed. A escolha da saga é óbvia, tendo em vista que os jogos são essencialmente históricos, ou seja, se localizam em diferentes épocas e se apropriam de personagens e eventos marcantes durante a história da humanidade. O objetivo do trabalho é criar estratégias para trabalhar com os games fora da escola. Isso se deve, principalmente, pela impossibilidade de todos os alunos de uma escola terem um console em suas casas, já que o este trabalho recorta um jogo que necessariamente é oriundo desse tipo de plataforma. Nem é preciso destacar a imensa dificuldade de levar vídeo games para a escola, afinal de contas, a graça do jogo é jogar. Considerando tudo isso, o intuito do projeto é se “infiltrar” nas redes sociais, criando grupos, fóruns, páginas, contas, etc. seja no Whatsapp, Instagram, Twitter, Youtube, entre outros. Nesse sentido, tomo como alvo os jogadores de Assassins Creed. Isso se torna positivo, tendo em vista que esses players facilmente poderão sentir simpatia com o conteúdo oferecido. Seguindo essa lógica, o propósito então é trabalhar o que já está posto pelo game, ou seja, o que o jogo automaticamente oferece, no caso de Assassins, são os textos, os eventos, os personagens, as locações, etc. bem como, problematizar os mesmos. Por fim, tento ensaiar algumas possibilidades a serem trabalhadas, contudo, não acredito que sejam absolutas e nem as melhores já pensadas, todavia, como um trabalho científico, nos esforçamos para trabalhar dentro de uma metodologia e bebendo em fontes oferecidas por pesquisas já consolidadas na área. Portanto, sugiro e deixo em aberto que, as estratégias que serão utilizadas, poderão ser de total criatividade de quem propõe, desde que trabalhe dentro do campo científico.





## Resumo das Comunicações do ST – História e Ensino

### 13. Correspondência (carta) como fonte documental e instrumento didático

**Wagner Gonçalves Passos**

Graduando em História – PUC Minas  
wgom1984@hotmail.com

**Felipe Pereira Furtado**

Graduando em História – PUC Minas

**Palavras-chave:** Fonte documental; Instrumento Didático; Getúlio Vargas; Revolução de 1930.

A prática da correspondência popularizou-se como um costume cultural muito valorizado na Europa e na América. A variedade de cartas é grande indo desde cartas de cunho íntimo até oficial, utilizado por autoridades. Outro fator relevante para a democratização da correspondência foi o aperfeiçoamento dos serviços postais, resultado do desenvolvimento dos meios de transporte que diminuíram as distâncias. Sendo assim a prática de enviar mensagem tornou-se, de certo modo, parte da vida cotidiana. Diante disso há uma grande oportunidade de se trabalhar com esse tipo de documento como meio didático, principalmente, em sala de aula com alunos do ensino básico, fomentando a discussão em torno da importância das fontes históricas para atividade do historiador. Além das diversas possibilidades de pesquisas que se vislumbram a partir das análises dos conteúdos que as correspondências fornecem. Através de um recorte, utilizando-se de uma carta de Getúlio Vargas, recém empossado no Governo Provisório do Brasil, ao cardeal D. Sebastião Leme, para ilustrar a temática. Essa carta foi redigida em um momento conclusivo da Revolução de 1930, ou seja, em que o movimento alcança seu objetivo de colocar fim à chamada República Velha ou a hegemonia política nacional de São Paulo e Minas Gerais. Considerando o estágio dos acontecimentos e o contexto histórico, e partindo das possibilidades de investigação que a correspondência proporciona, como fonte documental, alguns questionamentos. Sendo assim, fazer as perguntas necessárias é importante, mesmo sabendo que diante de certos documentos, em circunstâncias distintas, não será possível se obter as possíveis respostas aos questionamentos.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Ensino

### 14. Jogos pedagógicos e o ensino de história

**Pedro Luiz Teixeira de Sena**

Graduando – PUC Minas  
pedroteix99@hotmail.com

**Palavras-chave:** Ensino; Jogos; História; Construção do conhecimento.

Ensinar hoje, no mundo da tecnologia, é cada vez mais árduo pois o professor a todo momento tem que se renovar para poder concorrer com os vários instrumentos tecnológicos disponíveis, que muitas vezes atrapalham em sala de aula tirando a atenção do aluno ou fazendo com que ele não enxergue a aula como algo empolgante e sim como tediosa. É claro que os professores tem que se aproveitar das muitas formas de tecnologia que existem hoje para fazer com que a aula seja mais descontraída, extrovertida e também de certa forma mais prática, pois ensinar o conteúdo teórico muitas vezes se torna muito maçante para vários alunos, o que acarreta na evasão das aulas e em resultados ruins nas avaliações por não conseguir apreender o conteúdo ensinado em sala de aula. Um método que se mostra muito eficaz é o preparo e realização de jogos no ambiente escolar, pois assim os alunos aprendem de forma mais eficaz e até mesmo divertida. É possível perceber a disposição que esses alunos tem se observamos como eles interagem uns com os outros na sala de aula, na maioria das vezes é a partir de brincadeiras criadas por eles mesmos para tornar a sala de aula menos monótono. A utilização desses jogos pedagógicos é tida como eficazes uma vez que os resultados são alcançados e podem ser comprovados muitas vezes com as avaliações, que é o mecanismo para medir a aprendizagem dos alunos no ambiente escolar, porque jogando o estudante adentra no contexto do jogo e constrói um imaginário pautado nisso e acaba sem perceber aprendendo o conteúdo ali presente. Enquanto lidando da área de história tive a oportunidade de participar do processo de ensino aprendizagem do conhecimento histórico com alunos do sexto ano em uma escola na região de Belo Horizonte e constatei que quando é aplicado jogos os alunos se mostram mais interessados nas aulas de história e conseguem fixar de maneira mais satisfatória determinado conteúdo, como foi com um jogo denominado "Dominó Romano", para os alunos associarem mais fácil algarismos romanos e árabes.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Ensino

### 15. A microhistória em sequências didáticas para o ensino de História

**Maria Renata de Alvarenga Guimarães Teixeira**

Mestranda - UFMG

renataufmg@yahoo.com.br

**Palavras-chave:** Microhistória; Sequências Didáticas. Ensino de História.

A presente pesquisa de Mestrado, realizada no Programa de Mestrado Profissional da FAE – UFMG, tem como finalidade levar para as salas de aula da Educação Básica uma abordagem teórico-metodológica: a micro-história. A micro-história, movimento historiográfico iniciado na Itália - através da publicação Quaderni Storici pelos historiadores Edoardo Grendi, Giovanni Levi e Carlo Ginzburg - ganha cada vez mais força no Brasil e na América Latina. Dentro desse aporte teórico, tem-se como foco o trabalho com algumas de suas conceituações fundamentais, tais como: a redução da escala de observação e a circularidade da cultura. Objetivou-se, aqui, a construção de sequências didáticas baseadas na análise de trajetórias individuais publicadas em artigos da Revista de História da Biblioteca Nacional. Essa pesquisa parte da compreensão das vivências e representações sociais e culturais de indivíduos e do interesse pelas dinâmicas de interação entre o micro e o macro na escrita da História (Jogos de escalas) para a compreensão das temáticas propostas e desenvolvidas pela História Escolar.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Ensino

### 16. Discutindo a relação étnico-racial perante a História: A identificação étnico-racial dos estudantes da rede pública de Minas Gerais

**Rafael dos Santos Vieira**

Graduando em História – PUC Minas  
srafael730@gmail.com

**Tallita Ertal de Oliveira**

Graduando em História – PUC Minas  
ertall@gmail.com

**Palavras-chave:** Educação; Etnico-Racial; História.

O Programa de Iniciação a Docência do Curso de História da PUC MINAS tem como projeto base a História e Cultura Afrodescendentes e Indígena. Diante disso, a proposta deste trabalho é apresentar as metodologias utilizadas na Escola Estadual Profª. Lígia Maria de Magalhães para discutir a questão étnico-racial no cotidiano dos alunos do 3º ano do Ensino Médio. Logo, o objetivo é analisar e problematizar a autodeclaração racial dos alunos da referente escola que são atendidos pelo projeto. Pretende-se explorar a correlação entre a autodeclaração observada e o racismo estrutural da sociedade brasileira. Portanto, será apresentado dados coletados durante um diagnóstico realizado no segundo semestre de 2018. Por fim, será exposto às expectativas para os últimos meses de aplicação do projeto na referente escola e como de forma gradual os bolsistas conseguem se aproximar da realidade dos alunos. E, de modo que esses alunos possam serem ouvidos e auxiliados para novos olhares sobre a História. Quais são os desafios e perspectivas que os bolsistas defrontam com o cotidiano do projeto e os planos para conscientizar os alunos beneficiados sobre a importância da identificação étnico-racial perante uma sociedade excludente.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Ensino

### 17. História e Memória do Colégio Trigueiro na cidade de Bonfim-MG (1901 - 1945)

**Bruno Virgino**

Graduando – PUC Minas

brunoleo23@gmail.com

**Palavras-chave:** Memória; Arquivos Públicos; História Oral.

Ao se tratar da investigação epistemológica sobre a relação educação e religião em Minas Gerais, se fez necessário, neste projeto, criar um banco de dados inédito contendo importantes fontes primárias coletadas em arquivos públicos e em depoimentos de pessoas que interagiram com o objeto de estudo. As informações foram coletadas in loco. Nesse sentido, A metodologia pode ser definida por meio da utilização de duas abordagens: em um primeiro momento foi realizado o levantamento de fontes bibliográficas, consulta de documentos no Arquivo Público da cidade de Bonfim/MG, no arquivo público Mineiro, Arquivo da Cúria de Belo Horizonte - MG, arquivo da Secretaria de Educação de Minas Gerais. Como segunda fase, buscou-se a utilização da metodologia da história oral, por meio da entrevista com ex-estudantes das últimas turmas do colégio. Para facilitar o acesso aos dados obtidos, foi-nos incumbido a tarefa de catalogação e transcrição de todo o material. Para tanto, fez-se uso de softwares de edição digital de áudio, editores de planilhas e processadores de texto. À medida que se ampliava o contato com as fontes primárias, novas possibilidades de pesquisas surgiam em meio ao trabalho com o projeto atual. Cabe ressaltar, a riqueza de fatos históricos presentes em toda a documentação que, conseqüentemente, nos estimula a prosseguir dedicando-nos às pesquisas, mesmo findado o contrato, sobre as peculiaridades dos processos históricos que estão relacionados à educação no Estado de Minas Gerais. Por conseguinte, em meio à catalogação e análise do banco de dados tivemos acesso ao Decreto/Lei nº 17 de 1943, do município de Bonfim, no qual se busca recursos para criação e manutenção de escolas rurais pertencentes ao município de Bonfim. O documento analisado diz respeito à Cruzada Nacional de Educação, movimento de enfrentamento ao analfabetismo no Brasil. O decreto solicitava recursos para a criação de escolas rurais nos povoados de Fundão, Samambaia, Juliões e Morro da Onça, ambos pertencentes ao município de Bonfim, durante o regime do Estado Novo. Percebemos que a campanha nacional de combate ao analfabetismo foi descrita com bastante entusiasmo pela administração da cidade à época.



## SIMPÓSIO TEMÁTICO – HISTÓRIA E ESTUDOS TRANSDISCIPLINARES

### Coordenação

**Marcelo de Araújo Rehfeld Cedro**

Doutor em Ciências Sociais – PUC Minas  
marcelocedro.pucminas@gmail.com

**Cláudio Lúcio de Carvalho Diniz**

Doutor em História – UFRJ  
claudio\_diniz@gmail.com

### Comunicações

1. ALVES, Maycon Emílio Vicente. *Discurso e Representação: Futebol, Mídia e Mito da Democracia Racial Brasileira*.
2. ALVIM, Thais; MELO, Larissa. *Construção e desconstrução da história de Simón Bolívar*.
3. ALVIM, Thais; MELO, Larissa; ABREU, Vanessa. *O trabalho das instruídas: uma análise da inserção da mulher no mercado de trabalho a partir do censo de 1940*.
4. ARAÚJO, Vitor Paulo Azevedo de; COSTA, Erika Caroline Damasceno. *Os Rios como problema: políticas públicas e a habitabilidade em uma perspectiva democrática*.
5. GODÓI, Bianca Rezende. “A História das Ciências e a Revolução Científica dos séculos XVI a XVIII”.
6. JORGE, Igor Augusto; JESUS, Flávio Júnior Miranda de; TAVARES, Lucas Gabriel Ferreira. “Morte ou Transfiguração do Leitor?”: Uma Análise Possível.
7. MARCOLAN, Leticia Costa; CORNELSEN, Elcio Loureiro. *O campo: estudar as escritas da vida dos craques de 1982*.
8. MELGAÇO, Guilherme César Tavares; OLIVEIRA, Ana Paula Marotta de. *Batalhas pelo acesso à Leitura: O caráter emancipatório da Leitura*.
9. RATES, Milena de Pádua. *Os primórdios do cinema e seu impacto na História*.
10. SANTOS. Ivangilda Bispo dos; SANTOS, Graciele Anny Ferreira dos. *Museu do Ouro/IBRAM e educação ecocidadã: projetos que envolvem ensino, pesquisa e extensão*.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Estudos Transdisciplinares

### 1. Discurso e Representação: Futebol, Mídia e Mito da Democracia Racial Brasileira

**Maycon Emílio Vicente Alves**  
Mestrando em História - UFOP  
emilio94@gmail.com

**Palavras-chave:** Raça; Futebol; Mídia; Representação; Discurso.

Com o fim legalizado da Escravidão e a Proclamação da República, o Brasil do começo do século XX passou por mudanças nos cenários político e, sobretudo, social. Por um lado, houve uma tentativa de cercear a prática cidadã da população negra e, em contra partida, a resistência desse grupo contra a não participação sociopolítica. Não obstante, no campo intelectual, entre os cientistas sociais que se propunham a pensar e explicar a sociedade brasileira, a década de 30 reservava uma forma contestada de conceituar o Brasil. Na dianteira desse movimento estava Gilberto Freyre, que lançava nesse período o livro *Casa Grande e Senzala*, obra que gozaria de enorme influência na forma de representar, para si e para o mundo, a sociedade brasileira. O impacto do sociólogo teve, como efeito, a gestação da noção de "democracia racial" que se infiltrou com grande força nos modelos de explicação da identidade nacional. Um pouco adiante, entre os anos de 1940 e 1960, final do período Vargas e pós Vargas, tensões dessa natureza ainda permaneciam no contexto social brasileiro. Porém, o discurso midiático de jornais como o *Jornal dos Sports*, corroborava com a ideia do Brasil enquanto um "paraíso racial". O modo de representar e a estratégia de divulgação dos feitos de sucesso dos negros no campo de futebol promoviam uma identidade positiva do negro, em conformidade com as demandas daquele contexto: uma nação "higienizada" e disciplinada na esteira do projeto nacional, que via no futebol um meio de expressão positiva da brasilidade. O esporte, ou mais precisamente o futebol foi um dos espaços que se apresentou como possibilidade de modalidade econômico-social para os negros. Busca-se com esse trabalho, em um primeiro momento, compreender as relações étnicas e raciais que envolvem o contexto da inserção de jogadores negros no futebol do Brasil, estudar os discursos e representações de notícias sobre atletas futebolistas negros entre os anos de 1940 a 1960 e relacioná-los com a ideia de democracia racial difundida no Brasil durante esse período. Posteriormente pretende-



se analisar essas notícias sob uma teoria social que compreende, de forma sistemática, as discriminações baseadas na raça, e as entende como racismo.





## Resumo das Comunicações do ST – História e Estudos Transdisciplinares

### 2. Construção e desconstrução da história de Simón Bolívar

**Thais Alvim**

Graduanda em História – PUC Minas  
aalvim@hotmail.com

**Larissa Melo**

Graduanda em História – PUC Minas

**Palavras-chave:** Teoria da História; Linguística; Metodologia da História; América Latina; Simón Bolívar.

O presente artigo visa destacar as contribuições da linguística no campo metodológico da História a partir da análise de algumas das cartas de Simón Bolívar. Em um primeiro momento será discutida a inserção da linguística na metodologia histórica a partir da historiografia. Em um segundo momento, será feita uma demonstração de como a análise do discurso pode ser feita para o campo de estudos da História. Em seguida, uma análise acerca da construção do discurso em torno da figura de Simon Bolívar durante sua vida e após sua morte, será apresentada.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Estudos Transdisciplinares

### 3. O trabalho das instruídas: uma análise da inserção da mulher no mercado de trabalho a partir do censo de 1940

**Thais Alvim**

Graduanda em História – PUC Minas  
aalvim@hotmail.com

**Larissa Melo**

Graduando em História – PUC Minas

**Vanessa Abreu**

Graduanda em História – PUC Minas

**Palavras-chave:** História das mulheres; Mercado de trabalho; História quantitativa.

Ao analisar o censo brasileiro de 1940, várias questões destoam aos olhos e sugerem questionamentos amplos, que refletem a realidade brasileira enfrentada no contexto estudado. A discussão é feita relacionando o nível de instrução das mulheres na década de 1930, e a sua inserção em cargos de relevância na sociedade. O trabalho reflete sobre as questões sociais e econômicas que ditam o nível de escolaridade e a profissão das mulheres na década de 1930.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Estudos Transdisciplinares

### 4. Os Rios como problema: políticas públicas e a habitabilidade em uma perspectiva democrática

**Vitor Paulo Azevedo de Araújo**

Graduando em História – PUC Minas  
vitorpauloazevedoaraujo@hotmail.com

**Erika Caroline Damasceno Costa**

Graduanda em História – UFMG  
erika95@gmail.com

**Palavras-chave:** Políticas Públicas; Habitação; Ribeirão Arrudas; Democratização; Belo Horizonte.

A partir da segunda metade do século XX, o boom industrial fez com que a cidade de Belo Horizonte passasse por um acelerado e desordenado crescimento populacional. Muitos migrantes vinham para a capital em busca de novas oportunidades e encontravam uma cidade com inúmeros problemas urbanos e a falta de moradia era um dos principais. Não podendo se acomodar nas regiões mais centrais, os novos moradores iam se instalando ao longo das margens dos rios nas regiões mais periféricas da cidade. Mas, apesar da proximidade com os rios trazerem benefícios como a possibilidade de ter uma improvisada rede de esgoto, onde os serviços públicos não chegavam, cada período chuvoso figurava uma tragédia local. Os moradores pediam pela canalização, porém na maioria das vezes em que a canalização acontecia, vinha atender os planos de cobertura dos rios pelo asfalto a fim de melhorar o fluxo dos automóveis. Sendo assim, muitos desses cidadãos eram desapropriados sem nenhum direito. Essa situação veio a mudar apenas a partir de 1985, quando o Brasil passava por um período de redemocratização, após 21 anos de ditadura. Nesse momento a cidade de Belo Horizonte era governada por uma gestão municipal que propunha projetos de gestão democratizante, principalmente no âmbito da política habitacional, onde a participação popular seria uma premissa para qualquer tomada de decisão. Assim, o processo de canalização do Arrudas, que vinha acontecendo desde as primeiras décadas após a inauguração da cidade e que envolvia a desapropriação de muitas famílias, a partir de então contava com participação ativa da população envolvida. Este estudo buscou analisar a perspectiva democrática instaurada no poder municipal em Belo Horizonte a partir de 1990,



utilizando como objeto de estudo a atuação da Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte – URBEL no Programa de Saneamento Ambiental das Bacias do Arrudas, em 1993. Na expansão urbana da segunda metade do século XX na direção de Contagem, o trecho da Avenida Tereza Cristina/Via Expressa, jusante do Arrudas, foi intensamente ocupado nas margens do ribeirão. Com os problemas decorrentes de cheias e os problemas de saúde consequentes, O PROSAM, programa criado a partir da conjunção do poder municipal e o poder estadual em 1992, teve como objetivo a recuperação ambiental, a redução dos danos causados pelas enchentes e a melhoria da qualidade de vida da população que então ocupava o trecho. Mas, para lidar com a população que ali se instalou e que, além do estabelecimento, matinha entre si relações afetivas e práticas culturais, uma das demandas para a execução das obras era de que as famílias assentadas na área fossem reassentadas em outros espaços. E para a negociação e articulação com as comunidades, a URBEL, que segundo os moradores do bairro Vista Alegre em relato ao Banco Mundial, tinha todo um “know-how”, foi incumbida desenvolver o trabalho qualitativo dentro do processo de reassentamento. Portanto, a partir de dados empíricos, que tanto partiram de documentos da URBEL, quanto de associações das comunidades envolvidas, conclui-se que a abertura para participação popular nos processos com a democratização dos equipamentos públicos, marcou uma nova perspectiva nas políticas públicas adotadas na cidade de Belo Horizonte, dando novos contornos às ações de canalização já familiares à cidade.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Estudos Transdisciplinares

### 5. A História das Ciências e a Revolução Científica dos séculos XVI a XVIII

**Bianca Rezende Godói**

Graduanda em História – PUC Minas

biancarezende.historia@gmail.com

**Palavras-chave:** História das ciências; Conhecimento Científico, Revolução Científica.

Existe um campo da História, nem sempre reconhecido ou valorizado por alguns historiadores, chamado “História das Ciências”. Neste campo historiográfico, o historiador tem como objeto o conhecimento científico, buscando-se compreender historicamente acontecimentos que marcaram a Ciência e analisá-los, no seu tempo, como fenômenos sociais, econômicos e culturais. A “História das Ciências” ganha força na Historiografia a partir do início do século XX, quando surge com os intelectuais franceses Bloch e Febvre a chamada “Escola dos Annales”. Esta historiografia estabeleceu um diálogo crítico e de oposição à concepção dita positivista, abandonando algumas posições e incorporando outras novas à Historiografia, transformando assim a forma de pensar e estudar a História. A Ciência e o interesse em entender o mundo que o cerca, os fenômenos naturais que este não entende e não pode controlar, sempre fascinou o homem. O método científico tem sido usado por este desde a Idade Média, mas foi com a Revolução científica que aconteceu nos séculos XVI a XVIII na Europa, que a Ciência se potencializa. As consequências desta Revolução Científica para a História da Ciência foram inúmeras. Os grandes desenvolvimentos posteriores foram diretamente ligados e influenciados por esta reestruturação científica, talvez sendo impossíveis suas existências sem estas mudanças ocorridas neste período da História. Este presente trabalho tem como objetivo demonstrar a importância da História das Ciências como um campo específico da História e analisar suas relações com a Revolução Científica dos séculos XVI a XVIII, partindo como base teórica dos Historiadores da Ciência VIDEIRA (2007) e SILVEIRA (2010).



## Resumo das Comunicações do ST – História e Estudos Transdisciplinares

### 6. “Morte ou Transfiguração do Leitor?”: Uma Análise Possível

**Igor Augusto Jorge**

Graduando em História – PUC Minas  
iajorge@sga;pucminas.br

**Flávio Júnior Miranda de Jesus**

Graduando em Letras – PUC Minas

**Lucas Gabriel Ferreira Tavares**

Graduando em Letras – PUC Minas

**Palavras-chave:** Leitor; Livro; Práticas literárias.

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise do artigo “Morte ou transfiguração do leitor?”, onde Roger Chartier traz uma discussão sobre como a mudança do livro, sendo instrumento de leitura e escrita, influenciou a transfiguração do leitor na História. Chartier problematiza a imagem do leitor contemporâneo, a relação entre livro físico e digital e como essas alterações influenciaram a postura e comportamento do leitor em suas práticas. Com o crescente avanço da tecnologia no século XXI, o leitor contemporâneo desenvolveu novas práticas literárias. Os chamados textos brutos, comumente encontrados nas publicações em redes sociais, exemplificam o desprendimento com as normas textuais e regras gramaticais vigentes, além de banalizar os processos de revisão e edição. A virtualização da produção literária na era contemporânea é formada por novas maneiras de se escrever e ler um texto, fomentando assim a presença e necessidade de novas normas textuais para os textos digitais. Sendo assim, tomemos como exemplo as transfigurações anteriores dos instrumentos de leitura e escrita. O rolo de papel utilizado na antiguidade sofreu adaptações com o passar dos séculos para se transformar no códex e se fazer presente para o leitor moderno. Na contemporaneidade ocorre a mesma necessidade de adaptação do livro físico para o digital, visando o leitor contemporâneo. Para levantamento de dados quantitativos foram utilizadas pesquisas realizadas na França que constataram o recuo da porcentagem global de leitores, o aumento do uso de fotocópias, documentação utilizada no curso e trabalhos dirigidos para a circulação de anotações em aula. O crescente desuso do livro físico e a adoção de outros meios mais resumidos e dinâmicos nos mostra o novo leitor proporcionado pela a



contemporaneidade, um leitor que deseja encontrar rapidamente as informações que necessita e que não mais está disposto a fazer pesquisas de modo tradicional. O trabalho consiste na interpretação, problematização e exemplificação do artigo de Roger Chartier. Concluindo, para Chartier, a sofrida transfiguração do leitor é em si um processo necessário e historicamente observado. A existência dos livros digitais e a virtualização dos livros é incontrolável e processual mas, é preciso compreender que o nascer de novas formas e ferramentas de leitura não marcam o desuso das anteriores a ela. O rolo de papel continuou a ser usado (em menor escala) quando surgiu o códex, assim como o surgimento do e-book marca a coexistência dos livros físico e virtual.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Estudos Transdisciplinares

### 7. O campo: estudar as escritas da vida dos craques de 1982

**Letícia Costa Marcolan**

Graduanda em História – PUC Minas  
lcmarcolan@gmail.com

**Elcio Loureiro Cornelsen**

Pós-Doutor em Linguística, Letras e Artes – UNICAMP  
emcor@uol.com.br

**Palavras-chave:** Futebol; Biografia e autobiografia; Copa de 1982.

O futebol chega ao Brasil por volta de 1890 e, poucas décadas depois, em 1918, já começa a sofrer duras críticas. Nesse período, o esporte já havia adquirido certa visibilidade, ultrapassando os muros dos clubes elitistas, expandindo-se cada vez mais, para os bairros de trabalhadores. Talvez, o principal crítico do “esporte bretão” nesses primeiros anos tenha sido Lima Barreto, que travou um verdadeiro duelo contra o futebol. Porém, é apenas em meados dos anos 1960 que o futebol começa a ganhar contornos de “ópio do povo”, noção ainda presente em nossa sociedade. Esse período, no plano político, é marcado por questionamentos ao regime ditatorial, e, como aponta Souza (2018), boa parte da esquerda brasileira, dos movimentos sociais e da imprensa alternativa acreditava que os êxitos da Seleção Brasileira, seriam prejudiciais a esse processo, pois criariam um clima de otimismo, impedindo o povo de ver as “verdadeiras” mazelas sociais. Entretanto, pode-se dizer que, de certo modo, quem saiu vencedor nesse confronto foi o futebol. O esporte popularizou-se, e desde os anos 1930, já era identificado como parte da “identidade brasileira”. Além disso, hoje, esse é um campo de estudos consolidado. Mas, apesar disso, digo de certo modo, porque os estudos sobre futebol ainda sofrem certa resistência. Muitas vezes, não são considerados “sérios”, e são reduzidos a simples “curiosidade” de alguns pesquisadores. Nesse sentido, esta comunicação visa contribuir para o debate sobre a presença temática do futebol no âmbito da Literatura, em obras de cunho memorialístico, biográfico e autobiográfico. Para isso, enfocará, entre outras, a produção literária em torno de figuras de destaque no âmbito do futebol nos anos 1980.

Esse estudo faz parte do desenvolvimento de uma pesquisa em nível de Iniciação Científica Voluntária, como subprojeto do projeto “Memória e Futebol no Brasil – Escritas da vida de jogadores brasileiros”, sob orientação do professor Dr. Elcio Loureiro Cornelsen.





## Resumo das Comunicações do ST – História e Estudos Transdisciplinares

### 8. Batalhas pelo acesso à Leitura: O caráter emancipatório da Leitura

**Guilherme César Tavares Melgaço**  
Graduando em História – PUC Minas  
gui53281@gmail.com

**Ana Paula Marotta de Oliveira**  
Graduanda em História – PUC Minas

**Palavras-chave:** Acesso; Conhecimento; Desigualdade; Emancipação; Leitura.

Neste trabalho, pretende-se pesquisar como as classes hierárquica e financeiramente privilegiadas, utilizaram-se de suas vantagens para privar as classes menos favorecidas do acesso à Leitura e o motivo de tal pressuposto. Através de uma longa revisão bibliográfica sobre o tema, pôde-se identificar que as pesquisas já realizadas sobre o tema encontram-se na Nova História (Nouvelle Historie), surgida na década de 70 do século XX, que corresponde a vertente historiográfica da terceira geração dos Annales, sobretudo, Roger Chartier (1999) e Robert Darnton (1989), estudiosos da história da leitura que em suma, constata a Leitura como algo extenso, variado e mutável, presente nas mais diferentes sociedades, de infinitas formas e funções, além de Paulo Freire, que em seus estudos sobre educação, constatou o potente caráter emancipatório da Leitura. Até o momento, através da bibliografia pesquisada, pôde-se notar que a ideia central deste trabalho se comprova de forma que essas classes privilegiadas fizeram uso de suas vantagens aquisitivas e influência para se manterem próximos da leitura, enquanto afastavam o da mesma, gerando uma exclusão massiva do conhecimento e ainda no status social; alienação e manipulação para os interesses das classes privilegiadas. Uma das possíveis justificativas dessas práticas de exclusão localiza-se no caráter emancipatório da Leitura, a qual é uma fonte inesgotável do conhecimento, que pode fazer grandes insurgências contra as desigualdades. A passagem anterior, pode ser comprovada através de pensamentos do grande educador e pensador brasileiro Paulo Freire, o qual defende que, a educação acessada através da leitura é libertadora e capaz de instrumentalizar as camadas populares à luta contra o capitalismo que oprime e aliena (FREIRE apud MACIEL, 2011, p. 337). Dessa forma, existe a transformação do sujeito em agente político, através da reflexão crítica.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Estudos Transdisciplinares

### 9. Os primórdios do cinema e seu impacto na História

**Millena de Pádua Rates**

Graduanda em História – PUC Minas

millenarates@gmail.com

**Palavras-chave:** Cinema; História; Arte.

O cinema ocupa a posição de sétima arte, não pelo fato de ser menos impactante ou de nos causar um fascínio inferior às que as outras causam. Ele ocupa essa posição por ser a mais jovem das artes e, por ser possível ir às origens de sua criação. Dois irmãos entraram para a história como os pais do cinema, os franceses Louis e Auguste Lumière patentearam um dispositivo capaz de fotografar 24 vezes por segundo e registrar sob uma tela imagens animadas, o equipamento receberá o nome de cinematógrafo. O aparelho será responsável pela criação de inúmeros filmes de até um minuto que retratam o cotidiano com ação constante e contínua, e uma estruturação dramática prevendo uma espécie de interatividade ainda que imaginária com o telespectador oitocentista. Entretanto, um fato intrigou os pioneiros do cinema, eles não conseguiam sincronizar o som nos filmes por isso muitos acabam desistindo do cinema, acreditando que ele estivesse fadado ao fracasso. Em dezembro de 1895 os irmãos Lumière fizeram uma exibição coletiva de filmes curtos em um café parisiense, um artista talentoso presenciou a famosa primeira sessão de filmes no café e logo se interessou pelos filmetes, seu nome é George Méliès, um mágico ilusionista francês dono do famoso teatro Robert-Houdin. Méliès ficará conhecido como o cineasta pioneiro e pai dos efeitos visuais quando em um de seus experimentos ao gravar um ônibus em movimento a câmera de repente para de funcionar. Ao voltar a filmar, um carro fúnebre aparece no lugar do ônibus. Ao assistir o filme Méliès percebe que o ônibus se “transformara” como um truque de mágica, a artimanha ficaria conhecida mais tarde como stop motion. Em 1902 o cineasta produz sua mais famosa obra “Viagem à Lua” o filme é interessante para analisar o imaginário da sociedade naquele período, e como os efeitos são bem desenvolvidos para a época. Efeitos usados por Méliès serão mantidos até a década de 1970 como; o stop motion, o cromaqui e o traveling. É nas três primeiras décadas do século XX que o cinema firmar-se-ia enquanto arte e não apenas como invenção tecnológica, por meio dele a retratação da condição humana será possível. Era comum filmes que mostrassem a vida de



operários em fábricas ou até mesmo campanhas para a primeira e segunda guerra mundial. O cinema ocupa até os dias atuais posição privilegiada e deve ser usado como fonte alternativa para aprender e ensinar determinado conteúdo.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Estudos Transdisciplinares

### 10. Museu do Ouro/IBRAM e educação ecocidadã: projetos que envolvem ensino, pesquisa e extensão

**Ivangilda Bispo dos Santos**  
Mestranda  
ivangildabs@yahoo.com.br

**Graciele Anny Ferreira dos Santos**  
Graduanda

**Palavras-chave:** Museu do Ouro/IBRAM; Educação Ambiental; Projetos educativos.

Ao visar perspectivas e ações que colaborem com uma sociedade mais sensível, sustentável e consciente ambientalmente, o Museu do Ouro/IBRAM vem atuando desde 2016 para a divulgação e apropriação de práticas ecocidadãs por meio de projetos de extensão que têm como foco a mobilização comunitária. Tais ações abarcam sujeitos que interagem com fontes, rios além da cultura material, representações e simbologias envolvendo a água e seus usos em Sabará – município que sedia esta instituição cultural. Ao considerar vivências, experiências, engajamento institucional e a parceria entre ensino, pesquisa e extensão, este trabalho tem como principal objetivo divulgar e instigar diálogos sobre os projetos, ainda em andamento, “Mãe Domingas: Educação pela e para as águas do Rio Sabará”, “Cânticos das Águas” e “Itinerários e visões da cidade: educação para o patrimônio nas relações com narrativas visuais da história”.



## SIMPÓSIO TEMÁTICO – HISTÓRIA E LITERATURA

### Coordenação

**Vinicius Garzon Tonet**

Mestrando em História – UFMG  
vgtonet@gmail.com

**Carolina de Oliveira Silva Othero**

Mestranda em História – UFMG  
carol\_othero@yahoo.com.br

### Comunicações

1. ALBUQUERQUE, Maria Eduarda Fernandes; LAGE, Daniel Santos. *História e Literatura: uma abordagem histórica da obra o coração das trevas*.
2. AZEVEDO, Letícia Silva. *Arisca e sedutora: a feiticeira refugiada em Notre-Dame de Paris*.
3. CRUZ, Mariana Brescia. *Intelectuais, resistência e testemunhos na revista Literatura Chilena en el exílio*.
4. GOMES, Wemerson Felipe; MARTINS, Mayra. *Ficção e História n'O Cavaleiro Inexistente, de Ítalo Calvino*.
5. GÓMEZ, Esteban Zabala. *Entre tulpas, pilões e pedras de moer: a alimentação dos escravos através dos olhos de romancistas e viajantes na Nova Granada, 1750-1851*.
6. SILVA, Mateus Roque da. *O semeador Avelino Fóscolo: Entre a literatura e o teatro anarquista nas Minas Gerais (1902 – 1921)*.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Literatura

### 1. História e Literatura: uma abordagem histórica da obra o coração das trevas

**Maria Eduarda Fernandes**

Graduanda em História – PUC Minas

iduardafernandes@hotmail.com

**Daniel Santos Lage**

Graduando em História – PUC Minas

**Palavras-chave:** Literatura; História da África; Imperialismo; Congo-Belga.

A realização desse trabalho tem como objetivo analisar os paralelos contidos na abordagem teórica/historiográfica do continente africano sobre o processo de dominação imperialista no Congo Belga durante o fim do século XIX e a narrativa literária de Joseph Conrad “O Coração das Trevas” (1902) ambientada no mesmo cenário. Através de uma leitura crítica da obra com base na teoria política proposta por Hannah Arendt (1951) referente ao imperialismo e dialogando com as produções historiográficas mais recentes que buscam compreender a história da África a partir das suas próprias perspectivas para compreender de que forma a obra pode ser utilizada como ferramenta de construção para o conhecimento histórico comparando as abordagens sobre o modelo institucional/burocrático de dominação política, o modelo de exploração econômica do marfim, as relações de trabalho constituídas, a hierarquização étnico racial que sustentava a estrutura social do Estado Livre do Congo e a descrição dos elementos paisagísticos. O livro baseia-se nas experiências pessoais de navegação in loco do autor fornecendo informações precisas da realidade constituída em torno da exploração, no entanto seu relato está atrelado a uma mentalidade neocolonialista de dominação e preconceito racial sendo assim transmitindo uma visão etnocêntrica e estereotipada de africanos como seres selvagens. É possível analisar que a narrativa pode ser utilizada como ferramenta para o conhecimento histórico pela forma como elucida o processo de dominação colonial e a mentalidade imperialista, porém sendo imprescindível a formulação de críticas quanto a subjetividade presente na escrita do autor impregnada por concepções pejorativas e noções mitificadas da realidade africana. Sendo assim, o estudo pode contribuir com uma discussão sobre as formas de utilização crítica de



uma narrativa literária objetivando traçar uma relação interdisciplinar e construtiva entre História e Literatura.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Literatura

### 2. Arisca e sedutora: a feiticeira refugiada em Notre-Dame de Paris

**Letícia Silva Azevedo**

Graduanda em História – PUC Minas

leticiadosgs2011@hotmail.com

**Palavras-chave:** Literatura; Mulher; Cigana; Representação.

A interlocução entre história e literatura se constrói na possibilidade de reconstrução do sistema de representação engendrado pelo discurso literário, esse que é resultado de práticas e relações de uso/estrutura. (CHARTIER, 2000) O historiador Valdeci Borges trabalha a literatura enquanto expressão artística da sociedade possuidora de historicidade, destacando a ambivalência da construção literária, a qual constrói representações sociais, mas que também se alimenta da sociedade em que germina. Portanto, ao assumir a literatura enquanto objeto de estudo é indispensável a relação dos discursos proferidos com o contexto social de quem os produz. (BORGES, 2010). Nesse sentido, a Revolução de 1830 e o início do romantismo francês, marcam o contexto da obra de Victor Hugo, “Notre-Dame de Paris” (1831), momento caracterizado pela racionalização do mundo, cabedal ideológico do século XIX. As transformações projetadas colocavam a catedral em riscos de demolição para a construção de uma Paris alinhada aos ideais de progresso e desenvolvimento. O professor Sidney Barbosa (2003) analisa a obra de Victor Hugo enquanto uma atuação política que por meio da criação literária defende o patrimônio histórico e arquitetônico; a literatura que salvou a arquitetura medieval em uma França afoita frente as mudanças da cultura moderna oitocentista. Sendo assim, a grande protagonista da obra é a Catedral de Notre-Dame, descrita em detalhes minuciosos visando a abrangência de sua opulência e grandiosidade. O trabalho de Barbosa (2003) e Mori (2009), se dedicam respectivamente à análise do patrimônio arquitetônico francês e às adaptações cinematográficas da obra. Nossa proposta tem como objeto de estudo a mesma obra, porém nossa perspectiva é estudar a visão do romancista francês Victor Hugo acerca dos ciganos, analisando a personagem Esmeralda. Em pesquisa sobre os ciganos no Brasil, o professor Rodrigo Teixeira (2009) observa que as figuras de ciganas desenhadas e descritas formam um arquétipo composto pela pele morena, cabelos fartos e pretos e uma sensualidade adornada por um vestido em muitas cores e um decote que envolve sua volúpia. A sensualidade de Esmeralda é inerente à sua condição de “egípcia”, além disso a cigana de





Victor Hugo é a heroína dotada de uma beleza encantadora. O trabalho se debruça às descrições do autor acerca da personagem e as muitas cenas que ela figura ao longo da história, mapeando seu perfil para entender a mulher cigana em um romance do século XIX.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Literatura

### 3. Intelectuais, resistência e testemunhos na revista *Literatura Chilena en el exílio*

**Mariana Brescia Cruz**

Graduada em História – PUC Minas  
marianalvt@gmail.com

**Palavras-chave:** Intelectuais; *Literatura Chilena en el exílio*; Ditadura..

O 11 de setembro de 1973 marcou a história do Chile e de toda a América Latina ao dar início a uma ditadura militar que durou até 1990. A derrubada de Allende repercutiu em toda a América Latina e representou um duro golpe contra o projeto socialista proposto pela Unidad Popular. Nas palavras de Paloma Vidal (2004), o 11 de setembro representou o fim do “boom” da literatura latino-americana e do sonho de assimilar política e literatura. Apesar disso, a repressão empreendida pelos militares proporcionou o surgimento de uma literatura de resistência, cunhada como literatura de testemunho, gênero literário e político que buscou resistir aos horrores do governo de Augusto Pinochet. Nesse sentido, este trabalho busca discutir a atuação dos intelectuais chilenos que resistiram à ditadura militar por meio dos testemunhos. Os relatos aqui utilizados foram publicados na revista *Literatura Chilena en el exílio* (1977) e sua análise nos permite identificar não apenas as denúncias contra as violações de direitos humanos, mas também compreender o papel dos intelectuais na luta contra a ditadura e a concepção coletiva existente acerca da experiência socialista vivenciada no Chile.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Literatura

### 4. Ficção e História n'O Cavaleiro Inexistente, de Ítalo Calvino

**Wemerson Felipe Gomes**

Graduando em Letras – CEFET/MG  
wemersonfelipe10@gmail.com

**Mayra Martins**

Graduanda em Letras – CEFET/MG

**Palavras-chave:** Teoria da História, Teoria da Literatura; Ficção; Hayden White; Ítalo Calvino.

O objetivo da comunicação é propor algumas reflexões em relação aos modos pelos quais determinados discursos históricos podem (e, em alguma medida, geralmente são) construídos a partir de bases ficcionais. Na esteira das reflexões propostas por Hayden White, seria possível identificar os aspectos especificamente literários, poéticos e retóricos, do discurso histórico, que, nesse sentido, assumiria uma função determinadamente interpretativa, podendo, assim, mobilizar “numerosas formas, estendendo-se da simples crônica ou lista de fatos até ‘filosofias da história’ altamente abstratas”. O traço comum das diversas modalidades de discurso histórico, para Hayden White, é o “modo narrativo de representação”; em outras palavras, isso implicaria dizer que não existe História sem narrativa e, no âmbito desta, existem diversos modos ou estratégias discursivas (que dialogam com bases epistemológicas igualmente diversas). Tendo em vista essa perspectiva teórica, a proposta é analisar algumas cenas do romance *O Cavaleiro Inexistente*, de Ítalo Calvino, em especial a cena do jantar de Carlos Magno com os seus paladinos, destacando as discussões sobre verdade e mentira na configuração de uma narrativa oficial sobre os grandes heróis e as grandes conquistas da nação francesa. Três perspectivas sobre o passado se explicitam nesta cena, i.e., três formas de articular discursivamente determinadas interpretações sobre aquilo que passou: uma construída a partir de uma perspectiva documentada e lógica (Agilulfo); outra a partir de uma ação mais engajada e interessada (Ulivieri et al.); e uma última a partir de um discurso desinteressado, distanciado e mediado por um conjunto de “instâncias legitimadoras”, mas não menos destituído de contradições (Carlos Magno). Por fim, sugerimos que as reflexões sobre a ficção e as contribuições oriundas da teoria da literatura



podem, em alguma medida, auxiliar em uma compreensão mais precisa e consistente dos procedimentos que caracterizam a “operação historiográfica”.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Literatura

### 5. Entre tulpas, pilões e pedras de moer: a alimentação dos escravos através dos olhos de romancistas e viajantes na Nova Granada, 1750-1851

**Esteban Zabata Gómez**  
Mestrando em História - UFMG  
eszabalago@gmail.com

**Palavras-chave:** Romances; Relatos de Viagens; Alimentação; Escravidão; Nova Granada.

O presente trabalho pretende abordar o uso da literatura, principalmente romances costumbristas do século XIX e relatos de viajantes estrangeiros do mesmo período, como fonte histórica para a análise das práticas alimentares dos escravos da região do vale do rio Cauca, na Nova Granada, durante os anos de 1750 –última etapa do comércio negreiro- até 1851 –o fim da escravidão-. Já o historiador da alimentação, Henrique Carneiro, prestou atenção na dificuldade que essa área da história tem quanto à pouca quantidade de documentos oficiais úteis para a compreensão dos fenômenos alimentares. Porém, o pesquisador faz um chamado para o uso de múltiplos tipos de fontes, dos quais os relatos de viagens, crônicas e romances sobressaem. Por tanto, no decorrer desta pesquisa tem sido importante prestar especial atenção às metodologias necessárias para o uso da literatura como fonte histórica, assim, temos nos aproximado às teorias produzidas principalmente pela História Cultural, que propõem que para analisar esse tipo de fontes é necessário entender que o que é escrito pelos romancistas e viajantes são representações da realidade e, por tanto, essas representações provinham de uma “grelha cultural” de que dispunha os europeus para representar, nosso caso os escravos e libertos (Horta, 1995), sendo o conceito de representação fundamental para entender os métodos para o análise da literatura desde uma perspectiva histórica. Além disso, outros autores, também associados à História Cultural, propõem que para o uso da literatura como fonte é aconselhável realizar um estudo prévio do arsenal e da cultura do escritor para poder assim cotejar e separar o “real histórico” do real representado (Chartier, 1991). Finalmente, os romances aqui usados são “María” (1867) de Jorge Isaacs e “El alférez real” (1886) de Eustaquio Palacios. Ademais dos relatos de viajantes de diferentes nacionalidades como o frei espanhol Juan de Santa Gertrudis, que viajou à Nova Granada entre 1757 e 1767, o coronel britânico John Potter Hamilton, que



esteve na década de 20 do século XIX, e o botânico estadunidense Isaac Holton, que passou pelo vale do Cauca no ano de 1851.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Literatura

### 6. O semeador Avelino Fóscolo: Entre a literatura e o teatro anarquista nas Minas Gerais (1902 – 1921)

**Mateus Roque da Silva**  
Graduado em História – PUC Minas  
mateusroques@yahoo.com

**Palavras-chave:** Avelino Fóscolo; O semeador; Anarquismo; Teatro Mineiro.

O presente trabalho parte de uma investigação de cunho qualitativo e se insere em uma abordagem metodológica proposta pela Nova História Cultural. O estudo é fruto das discussões que vem sendo levantadas pelo Grupo de Estudos em História e Literatura da PUC Minas e objetiva discutir a ação dos intelectuais, destacadamente Avelino Fóscolo (1864 – 1944), no uso do teatro enquanto meio de divulgação dos seus ideias políticos. Esta análise, parte das narrativas historiográficas que compreendem o século XIX brasileiro enquanto um período marcado pela emergência de grandes companhias ambulantes de circo e teatro que perambulavam, cada qual a sua maneira, por todo o interior do país. Os espetáculos, muitas vezes apresentados para uma plateia completamente iletrada, eram imbuídos pela missão de difundir os ideais civilizadores e, sobretudo, nacionalistas do Império. Os artistas nômades, segundo Regina Duarte (2018), eram vistos pelas crianças da época como verdadeiros heróis ou mesmo seres mágicos, graças as suas peles repletas de brilhos e cores. Contudo, é imerso nesse ambiente interiorano de Minas Gerais, mais precisamente Sabará, que emerge a figura de Avelino Fóscolo. Órfão, desde muito pequeno, foi criado junto aos escravos na Mina de Morro velho, onde vivenciou de perto as mazelas da sociedade escravocrata. Na condição de homem livre, juntou-se a um grupo de artistas ambulantes durante a segunda metade do século XIX, transformando-se em um forte defensor do modelo republicano e da causa abolicionista. Em 1890 lança seu primeiro romance, A Mulher, no qual discutia o lugar relegado a esta na sociedade conservadora e patriarcal do período. Em 1902 e 1903 lança os romances O Caboclo e O Mestiço, respectivamente, e que dialogavam diretamente com seu trabalho anterior. Todavia, é no ano de 1921, desiludido com a República dos oligarcas, que Fóscolo publica a peça de teatro “O Semeador”, na qual realizar duras críticas a sua sociedade, por meio de uma rica releitura dos autores clássicos do socialismo, comunismo e anarquismo, muito em voga na Europa. Nesta peça, o autor propõe a plateia refletir sobre o



cenário político vigente, convidando-os, por meio da aproximação dos personagens com a realidade local, suscitar um diálogo mais próximo, no qual elegeria o anarquismo enquanto modelo ideal para o melhor desenvolvimento coletivo. Para Eduardo Frieiro (1960), Avelino Fóscolo foi um homem que, enquanto cidadão, aceitou as servidões que a sociedade impunha. Entretanto, como escritor, reservou-se o direito de criticá-las.





## SIMPÓSIO TEMÁTICO – HISTÓRIA DAS MINAS COLONIAIS

### Coordenação

**Silvia Maria Amâncio Rachi Vartuli**  
Pós- Doutora em História – UFMG  
silrachi.pucminas@gmail.com

**Régis Clemente Quintão**  
Doutorando em História – UFMG  
regis.quintao@gmail.com

### Comunicações

1. ANDRADE, Gabriel Campos; MELGAÇO, Guilherme César Tavares. *Fios e Algodão: O vestuário como forma de distinção social nas Minas setecentistas.*
2. BARBOSA, Guilherme Henrique. *As dificuldades encontradas pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Sabará na conclusão de seu templo.*
3. BELÉM, Gustavo de Castro; PORTUGAL, Wanderson Fabrício. “Privada de educação e isolada na escravidão de seus hábitos”: infância e pudor na Colônia a partir do olhar de Debret e Rugendas.
4. CASSÃO, Júlia de Cássia Silva. *Contrabandear diamantes: um estudo sobre corrupção para o caso do contratador Felisberto Caldeira Brant (1749-1753).*
5. CASSÃO, Júlia de Cássia Silva; TOLEDO, Ana Tereza Landolfi. *História e Poder nas Minas Colonial (XVIII – XIX).*
6. FONSECA, Gabriella Teixeira. *Morte e Família: Distinções Sociais e de Raça no Brasil Colonial (século XVIII).*
7. HENRIQUE, João Victor Lessa; MARTINS, Luiz Gustavo Santos. *Bolsas de mandinga: cultura material e religiosidade nas Minas setecentistas.*
8. OLIVEIRA, Christian Henrique Pereira. *Entre famílias, costumes e “qualidades”: uma breve análise das formações familiares e as mestiçagens presentes em Minas colonial.*
9. RACHI, Silvia. “É de sonho e de pó”: tachos e trastes de forras na Capitania do ouro como elementos de distinção social.
10. RIBEIRO, Paula. *Música e vida cultural na Comarca do Rio das Mortes nos séculos XVIII e XIX: A diversidade dos cantos e melodias mineiras.*
11. TOLEDO, Ana Tereza Landolfi. *Experiência e poder nas trajetórias governativas nas Minas coloniais.*



## Resumo das Comunicações do ST – História das Minas Coloniais

### 1. Fios e Algodão: O vestuário como forma de distinção social nas Minas setecentistas

**Gabriel Campos Andrade**

Graduando em História – PUC Minas

**Guilherme César Tavares Melgaço**

Graduando em História – PUC Minas

gui53281@gmail.com

**Palavras-chave:** Colônia; Escravizados; Iconografia; Vestuário.

A utilização de fontes históricas materiais e iconográficas, possibilita uma vastidão de estudos sobre a presença “dos homens no tempo” (BLOCH, 1997, p.67). Um desses tipos de fonte são as roupas usadas durante as mais variadas épocas. Associando fontes iconográficas — como as pinturas de Debret, Rugendas e Carlos Julião — e materiais — vestuário — aos estudos de especialistas no assunto como, Júnia Furtado e Mary Del Priore, serão apresentados como o vestuário nas Minas coloniais podem possibilitar uma pluralidade de estudos sobre a sociedade daquela época e sua organização. Até presente momento, foi possível através das fontes, observar o vestuário como fator de distinção social na sociedade glorificadora das aparências. A indumentária e os adereços das forras, que rivalizam com a nobreza de sangue e os demais sujeitos escravizados. O vestuário e seus vários acessórios — sapatos, colares, braceletes, chapéus, turbantes e outros — representaram não só formas de distinção social entre os nobres de sangue e os sujeitos escravizados, mas também entre camadas de escravos — o que não os liberava de sua condição de escravidão. Pode-se notar, também que, as roupas desses sujeitos eram confeccionadas com materiais de qualidade inferior, detalhe que pode ser notado em algumas fotos e representações do período.



## Resumo das Comunicações do ST – História das Minas Coloniais

### 2. As dificuldades encontradas pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Sabará na conclusão de seu templo

**Guilherme Henrique Barbosa**

Graduado em História – PUC Minas

Guilhermehenrique4@hotmail.com

**Palavras-chave:** Sabará; Rosário; Igreja; Construção.

A Historiografia vem estreitando cada vez mais os laços entre o documento, memória e a sociedade. É perceptível a “construção” da História, por meio dos conjuntos de documentos armazenados nos arquivos, sejam eles fontes escritas, fotográficas ou objetos. Neste sentido, o presente estudo buscou por meio dos livros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, compreender o processo de construção de seu templo inacabado. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, cuja capela inicial remete a 1713, quando da fundação da Irmandade de mesmo nome na Barra de Sabará. A pequena capela de taipa fora erguida para poder abrigar os membros da irmandade, que em sua maioria constituía-se de negros escravizados, para as celebrações e festividades da Santa padroeira, que ocorrem no mês de outubro. Para essa comemoração as Guardas de Congo e de Moçambique abrilhantavam as festividades com suas danças e cantorias, que mais lembravam o lamento pela separação das famílias, que alguma comemoração. O que demonstra como o sincretismo religioso foi bastante difundido nas minas coloniais. Segundo registros, a Irmandade deu sequência na celebração de seus cultos na primitiva capela de taipa até meados do século XVIII quando que por carta régia datada em 10 de maio de 1757, foi confirmada a concessão à mesma “de vinte e cinco braças de terra” para construção da capela definitiva. Conforme requerimento feito ao Senado da Câmara, em data de 18 de março de 1767, a construção se ergueria em local próximo e para trás da antiga capelinha, o que chama a atenção é sua localização, que fica no centro da cidade, diferentemente de todas as igrejas dos Pretos que sempre ficavam na periferia, como era comum à época. No ano seguinte foi firmado contrato com o mestre Antônio Moreira Gomes para as obras de alvenaria e cantaria, as quais deveriam obedecer ao risco apresentado pela Irmandade. Tratava-se provavelmente de um projeto ambicioso, uma vez que sua estrutura nunca chegou a ser concluída. A lenta evolução das obras, até sua definitiva paralisação reflete as vicissitudes sofridas pela Irmandade dos Pretos de Sabará e por sua vez



determinadas por fatores econômicos e sociais como a decadência da mineração do ouro e a emancipação dos escravos.



## Resumo das Comunicações do ST – História das Minas Coloniais

### 3. Privada de educação e isolada na escravidão de seus hábitos”: infância e pudor na Colônia a partir do olhar de Debret e Rugendas

**Gustavo de Castro Belém**

Graduando em História – PUC Minas  
gustavo.belem@gmail.com

**Wanderson Fabrício Portugal**

Graduando em História – PUC Minas

**Palavras-chave:** Colônia; Infância; Vestuário; Educação; Iconografia.

Desde a primeira infância, as crianças na Colônia eram tratadas e criadas de forma desigual. Enquanto os filhos da elite viviam em relativo luxo e riqueza, educados a partir dos manuais europeus e para a distinção, os filhos dos escravizados eram abandonados nas ruas ou sofriam os abusos do trabalho infantil e dos senhores. Tais diferenças de tratamento se revelam, também, no vestuário das crianças: os herdeiros das camadas privilegiadas se vestiam como os pais – nos padrões europeus do período; em contrapartida, muitos meninos e meninas nascidos na escravidão se exibiam nus, num oposto ao que ditava o molde vindo da metrópole. Com isso, diferentes pudores conviviam no cenário colonial, influenciados tanto pelos padrões da sociedade de Antigo Regime português como por formas de educação e criação infantis vindas da África e dos povos indígenas. As discrepâncias entre a realidade europeia e a Colônia podem ser observadas nas obras iconográficas de Jean-Baptiste Debret (1768-1848) e Johann Moritz Rugendas (1802-1858). As tentativas desses dois europeus de retratar o cotidiano do Brasil das primeiras décadas do XIX revelam as formas de tratamento das famílias para com os pequenos: a partir desse “olhar de fora”, mergulhado nos preconceitos da Europa de seu tempo, poder-se-ia observar algumas especificidades dessa relação entre infância, educação e vestuário, que fazia com que meninos e meninas fossem conduzidos para papéis sociais ligados ao nascimento e à origem de suas famílias. A iconografia produzida por esses dois artistas é, portanto, uma rica fonte de informações sobre a infância e o cotidiano nas décadas finais de domínio português no Brasil.



## Resumo das Comunicações do ST – História das Minas Coloniais

### 4. Contrabandear diamantes: um estudo sobre corrupção para o caso do contratador Felisberto Caldeira Brant (1749-1753)

**Júlia de Cássia Silva Cassão**  
Mestranda em História - UFMG  
juliacassao@hotmail.com

**Palavras-chave:** Trajetória; Corrupção; Distrito Diamantino.

A historiografia da corrupção vem se tornando ponto pacífico entre os historiadores do mundo colonial ibérico. Entendidas as suas especificidades, pelo recurso aos dicionários e aos tratados políticos e morais do período, bem como às fontes administrativas, as particularidades que esta tópica comportava na Época Moderna, vêm à tona e contribuem para o exame da sociedade que se organizou em torno de uma cultura política pautada pelo esfumaçamento das esferas do público e do privado. Valores que hoje não são, teoricamente, mais aceitos, tais como, entre outros, o amor, a amizade, o compadrio e os apadrinhamentos, àquela época deram o tom às relações políticas e sociais que estruturavam as visões de mundo, expectativas e experiências daqueles sujeitos. Nessa medida, objetiva-se com esta comunicação, a partir de um enfoque afeito à perspectiva das redes e da história cultural, problematizar a trajetória do terceiro contratador dos diamantes entre os anos de 1759 e 1753, Felisberto Caldeira Brant, à luz da metodologia e da teoria da corrupção, de modo que sua condenação e prisão pelo furto do patrimônio régio, ou seja, o contrabando de diamantes que encabeçou no Distrito Diamantino, assim como os excessos por ele cometidos, sejam captadas pela dupla chave que informou o significado de corrupção e, por conseguinte, de corruptor da Fazenda Real. A decomposição do corpo da República, a violação da justiça e a ofensa ao bem comum desencadeadas pela cobiça do vil metal produto de suas ilicitudes, portanto, conectam Caldeira Brant ao centro político do Império Português, pois a harmonia das partes da Monarquia Corporativa foi estremecida pelo escândalo político de suas práticas, aos olhos da Coroa, de todo espúrias.



## Resumo das Comunicações do ST – História das Minas Coloniais

### 5. História e Poder nas Minas Colonial (XVIII – XIX)

**Júlia de Cássia Silva Cassão**  
Mestranda em História - UFMG  
juliacassao@hotmail.com

**Ana Tereza Landolfi Toledo**  
Mestre em História – Universidad de Salamanca

**Palavras-chave:** Minas Gerais; Colônia; poder.

Esta comunicação tem por objetivo analisar as peças que compuseram os jogos do poder ao longo do período colonial em Minas Gerais. O principal foco da abordagem será refletir em como se assentaram, nomeadamente, os poderes locais junto à administração portuguesa e como a conformação dessas duas forças deu um tom "agridoce" à Capitania das Minas, tal como salientou Laura de Mello e Souza. Além disso, será de suma importância ressaltar a constituição e a força das redes de relações políticas e sociais na organização desses mesmos poderes locais e na governabilidade de uma região em que o motivo primeiro de atração foi impulsionado pela ambição do metal dourado e, posteriormente, dos diamantes. Neste sentido, interessa-nos também perceber como tais redes foram montadas e remontadas ao gosto dos interesses envolvidos nesta sociedade movediça pautada pela desigualdade. Este trabalho, portanto, irá perpassar o poder dos potentados do início da colonização, o dos mineradores e o dos contratadores dos diamantes, bem como o dos tropeiros, dos negociantes e dos fazendeiros já nas primeiras décadas do século XIX buscando captar a gramática social que informou as suas ações no bojo daquela sociedade a partir de uma perspectiva de longa duração, capaz de observar mudanças e permanências ocorridas no âmbito do poder em Minas Gerais no período colonial.



## Resumo das Comunicações do ST – História das Minas Coloniais

### 6. Morte e Família: Distinções Sociais e de Raça no Brasil Colonial (século XVIII)

**Gabriella Teixeira Fonseca**

Graduanda – PUC Minas

fonssecagabriellateixeira@gmail.com

**Palavras-chave:** Morte; Hierarquias; Brasil Colônia; Família moderna; Medicina Social.

O trabalho a ser apresentado versa sobre estudos realizados no grupo de pesquisa História: Subjetividades e Resistências da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. O estudo analisa as hierarquias existentes no tratamento da morte no Brasil Colonial e sua relação com a emergência da família moderna. A herança do modelo familiar que se instala na América portuguesa no século XVIII, altera as concepções sobre a morte e os ritos funerários com base nas distinções sociais e de raça, tendo como um de seus mecanismos a emergência da medicina social urbana moderna no início do século XVIII. Essas novas concepções desvelam a dissociação da noção de coletividade medieval e da busca daquilo que teóricos chamarão de identidade familiar, que se tornará também, de classe, na qual, esse modelo familiar buscará distinguir-se socialmente dos demais setores da sociedade, influenciando veementemente nas hierarquizações da morte. Dessa forma, o trabalho visa compreender o papel que o modelo familiar moderno desempenha na mentalidade colonial, alterando as concepções sobre o morrer e os acessos à morte, com base nas novas hierarquias e as inferências das novas relações indivíduo/cadáver, com o surgimento da medicina social urbana.





## Resumo das Comunicações do ST – História das Minas Coloniais

### 7. Bolsas de mandinga: cultura material e religiosidade nas Minas setecentistas

**João Victor Lessa Henrique**  
Graduando – PUC Minas  
joaovictorlessa98@gmail.com

**Luiz Gustavo Santos Martins**  
Graduando - PUC Minas

**Palavras-chave:** Bolsa de mandinga; Cultura material; Minas Colonial.

As bolsas de mandinga são amuletos ou talismãs advindos da cultura africana, que chegaram à América Portuguesa durante o processo de escravização dos povos africanos no século XVI. Consistiam em pequenas bolsas feitas de pano ou couro, que em seu interior eram guardados diversos objetos de caráter mágico/religioso: ossos, papéis com escritos ou desenhos, hóstias sagradas, penas, raízes, entre outros. Eram penduras em várias partes do corpo, e possuíam a função de proteger e curar seus portadores. A abordagem utilizada para estudar esses artefatos nas Minas dos séculos XVII e XVIII ainda gira em torno de uma produção historiográfica limitada ao uso de fontes escritas, e isso pode reduzir o aprofundamento no estudo desses objetos utilizados pelos sujeitos escravizados. Importante levar em consideração que estes estudos são majoritariamente realizados por meio de registros encontrados nas devassas e nos Cadernos dos Promotores. O objetivo desse trabalho é estabelecer uma relação entre a fonte escrita já utilizada por outros historiadores em seus trabalhos e a análise de objetos da Cultura Material, dessa forma, é possível explorar determinados aspectos que ficam de lado pela limitação proporcionada pelas fontes escritas. Trata-se de uma pesquisa na qual foi feito um levantamento de trabalhos realizados por outros historiadores no intuito de verificar as fontes e como estas foram utilizadas em seus trabalhos, há para o diálogo com estes, a análise de iconografias e materiais de Arte Africana. O levantamento bibliográfico mostra que boa parte dos historiadores ainda lança mão de um grande volume de documentos oficiais para a construção da narrativa, porém, se tiver um diálogo com a Cultura Material essa narrativa pode adquirir aspectos antes não contemplados. Desta forma, por mais que uma análise de documentos oficiais possa se mostrar abrangente e possuidora de uma análise concisa, o diálogo com a Arqueologia e Antropologia mostra-se fundamental para abordar o significado



religioso ou até mesmo de resistência presente nas bolsas de mandinga. Não apenas isso, há uma mudança na perspectiva da narrativa, que feita apenas por documentos oficiais traz apenas uma visão do colonizador, uma vez que essas bolsas eram relatadas como praticas criminosas. O intuito dessa pesquisa é tratar essa prática a partir dela mesma, e não apenas dos documentos inquisitoriais.



## Resumo das Comunicações do ST – História das Minas Coloniais

### 8. Entre famílias, costumes e “qualidades”: uma breve análise das formações familiares e as mestiçagens presentes em Minas colonial

**Christian Henrique Pereira Oliveira**

Graduando – PUC Minas  
christianhpo@gmail.com

**Palavras-chave:** Família; Minas; "Qualidades"; Mestiçagens.

Este trabalho irá versar sobre a dinâmica social e cultural presente em Minas do século XVIII, tendo como um de seus focos abordar a temática das mestiçagens e seu impacto na vida cotidiana local. Sendo assim, veremos questões como a hierarquização social derivada desse processo de mestiçagem, concubinatos e a preocupação da coroa em estabelecer um controle social sobre as formações familiares e os processos de misturas que ocorriam em Minas. Ademais, iremos adentrar no sistema de “qualidades” e sua importância para a dinâmica social da época e as possíveis influências dela na forma de se pensar o hoje. Para essa reflexão, iremos utilizar algumas obras de historiadores que se dedicaram aos estudos dessas dinâmicas, como o livro “Dar Nome ao Novo: uma história lexical da ibero-américa entre os séculos XVI e XVIII”, do historiador Eduardo França Paiva, e “Entre as Formas de se Pensar e as Maneiras de se Viver: A família mestiça e a vida familiar em Minas Gerais colonial”, escrito pelo doutor em história social da cultura Rangel Cerceau Netto.



## Resumo das Comunicações do ST – História das Minas Coloniais

### 9. “É de sonho e de pó”: tachos e trastes de forras na Capitania do ouro como elementos de distinção social

**Silvia Rachi**

Doutora – PUC Minas  
silrachi,pucminas@gmail.com

**Palavras-chave:** Forras; Minas Colonial; Cultura Material.

Inácia era preta forra, moradora da Vila de Sabará na Capitania de Minas e neste mesmo local fez seu testamento. Na ocasião, declarou que possuía tachos para fazer doces e outros pertences. Sua escrita fora utilizada para listar não apenas os bens, mas dizer da posição ocupada na sociedade local. Dados e informações desta natureza nos permitem refletir a respeito de como elementos da “cultura material” permitiram a inserção e a distinção social na Capitania do Ouro de mulheres que conquistaram a liberdade. Como, por meio de seus pertences, atuaram no mundo do trabalho, na vida social e familiar. Teórica e metodologicamente, nos apoiamos em autores como Steven Ibar & W. David Kingery, Ulpiano T. Bezerra de Meneses, além daqueles dedicados ao entendimento da vida, do trabalho feminino e da cultura material no contexto da Capitania de Minas Gerais, como Luciano Figueiredo e José N. C. Meneses. As fontes utilizadas são os testamentos de forras das duas últimas décadas do século XVIII e das duas primeiras do XIX.



## Resumo das Comunicações do ST – História das Minas Coloniais

### 10. Música e vida cultural na Comarca do Rio das Mortes nos séculos XVIII e XIX: A diversidade dos cantos e melodias mineiras

**Paula Ribeiro**

Bacharel em História – PUC Minas  
paulasr22@bol.com.br

**Palavras-chave:** Minas Gerais; Cultura; Música; Comarca do Rio das Mortes.

Esta comunicação busca apresentar alguns conceitos e elementos marcantes referentes à produção musical, enquanto importante fator da vivência sócio cultural, que se verifica na região da Comarca do Rio das Mortes, na Capitania de Minas Gerais, dando enfoque aos séculos XVIII e XIX. A cultura mineira é marcada por grande complexidade, dada a diversidade de origens dos indivíduos que aqui se estabeleceram, sobretudo, após a descoberta de material aurífero no território. Tomando-se a cultura como uma produção exclusivamente humana - e, portanto, também a música-, compreende-se que está tende a acompanhar a essência da dinâmica social de seu tempo; desta forma, a Comarca do Rio das Mortes se apresenta com um arranjo de produções musicais que devem ser estudadas mais a fundo, tendo como fim a complementação dos estudos que compreendem a efervescência cultural característica da Capitania. Faremos, inicialmente, um levantamento bibliográfico acerca de questões sócio políticas e sócio culturais de Minas Gerais, tendo em vista a proximidade e a influência da Igreja Católica - principal fomentadora da vida cultural neste período - com os governos da região. Também abordaremos alguns conceitos sobre o Barroco na Comarca do Rio das Mortes, tendo sido observada a presença de elementos provenientes, em sua maioria, deste estilo artístico na musicalidade da região. O levantamento e análise das fontes primárias dá enfoque às partituras, letras de cânticos e aporte instrumental. Pretende-se ampliar o levantamento também a fontes que não estejam vinculadas à questão eclesiástica, ou seja, que nos possibilitem incluir neste estudo fontes provenientes da então cultura popular, a se incluir a cultura afro-brasileira e indígena nativa, para melhor construirmos concepções quanto à Música mineira.



## Resumo das Comunicações do ST – História das Minas Coloniais

### 11. Experiência e poder nas trajetórias governativas nas Minas coloniais

Ana Tereza Landolfi Toledo  
Mestre - UFMG  
landolfiat@gmail.com

**Palavras-chave:** Experiência do tempo; Minas Gerais; Brasil colônia.

Este trabalho tem por objetivo analisar como as experiências dos homens que participaram da administração em Minas Gerais no período colonial proporcionaram, de certa forma, incidiram no modo de governar na Capitania governança. A partir da concepção ciceroniana de *magistra vitae*, acreditamos que os governadores que atuaram de Minas Gerais utilizavam da sua experiência na Capitania de modo a fornecer exemplos e lições para os seus predecessores no que tange as práticas de poder daquela localidade, registrando as singularidades da região, os conflitos, os contratos firmados, das ameaças, os hábitos e os afazeres que eram próprios do cargo. Este topos história *magistra vitae* inundava as práticas sociais daqueles sujeitos, onde suas experiências tinha um teor pedagógico e este magistério objetivava que seus predecessores não cometessem os erros de outrora.



## SIMPÓSIO TEMÁTICO – HISTÓRIA, SUBJETIVIDADES E RESISTÊNCIA

### Coordenação

**Júlia Calvo**

Doutora em Ciências Sociais – PUC Minas  
juliacalvo1@gmail.com

**Maria Ester Saturnino Reis**

Mestre em Ciências Sociais – UFMG  
estersaturnino@gmail.com

### Comunicações

1. BUENO, Samuel Torres. *A História do Tempo Presente e o Cinema: Uma Análise de Nostalgia da Luz*, de Patricio Guzmán.
2. DUARTE, Ana Carolina Pereira. *Transexualidade - Um transtorno mental ou uma não-conformidade do sexo biológico?*
3. DUARTE, Raphael Resende. *Quarenta anos da lei de anistia e a narrativa do jornal alternativo Movimento sobre momento histórico.*
4. GONÇALVES, Matheus Rafael. *A modernidade no centro de Belo Horizonte.*
5. MARCELO, Marlon. *Lembranças de um Mundo Velho: memórias e trajetórias familiares na construção da narrativa Histórica.*
6. PAULO, Raíza Gomes Araújo de. *Enfermagem em movimento: A mulher negra em um espaço branco.*
7. PÊGO, Silvia Gomes. *Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos – Muquiçu.*
8. SANTOS, Fernanda Mendes. *Ditadura civil-militar: políticas indigenistas sob a égide da Doutrina de Segurança Nacional (1967-1972).*
9. SANTOS, Fernanda Mendes. *Reformatório Krenak: repressão e tortura aos povos indígenas em Minas Gerais (1969-1972).*



## Resumo das Comunicações do ST – História, Subjetividades e Resistência

### 1. A História do Tempo Presente e o Cinema: Uma Análise de Nostalgia da Luz, de Patricio Guzmán

**Samuel Torres Bueno**

Mestrando - UFOP

samueltorresbueno@gmail.com

**Palavras-chave:** Memória; Cinema; Patricio Guzmán.

O seguinte trabalho, fruto dos resultados parciais da nossa dissertação, possui como objetivo geral aproximar indagações suscitadas pelo estudo da narrativa e dos testemunhos contidos no documentário *Nostalgia da Luz* (2010) com discussões caras à história do tempo presente, a exemplo das demandas por justiça e reparação no Chile pós-ditadura militar (1973-1990). O seu diretor, o chileno Patricio Guzmán, um dos importantes cineastas latino-americanos, ao longo da sua extensa filmografia, constantemente revisita marcos fundamentais da contemporaneidade do seu país (o período da Unidade Popular, o golpe de Estado de 1973 e a posterior ditadura de Pinochet) por meio de uma abordagem memorialística e das suas próprias experiências. Em *Nostalgia da Luz*, o cineasta conduz a narrativa, através da sua própria voz em off (ou seja, ouvimos sua voz, mas não o vemos nas cenas), costurando as suas memórias com as de outros sujeitos que assim como ele, tiveram suas vidas diretamente afetadas pelo golpe e pelo autoritarismo. Ambientado no Atacama, o filme aproxima as atividades de busca pelo passado realizada pelo próprio diretor e por três grupos que compartilham o deserto: os astrônomos, os arqueólogos e as mulheres que procuram restos de seus familiares desaparecidos durante a ditadura. Buscaremos, assim, demonstrar possíveis contribuições que a análise apurada da linguagem cinematográfica desse filme, próxima à de um ensaio, oferece para o refinamento dos debates sobre os vínculos entre o cinema documental e a história do tempo presente, pois em tais campos, há uma considerável abertura e visibilidade para as memórias dos participantes de eventos que fazem parte de um “passado que não passa” (a exemplo da ditadura chilena) cujas consequências dolorosas ainda não cessaram. Nesse sentido, um estudo sobre essa película é bastante profícuo, uma vez que é uma obra muito importante no trabalho de resgate, valorização e transmissão da memória, combatendo o emudecimento do passado imposto durante o período de transição e mantidos





pela Concertação, a aliança que governou o Chile entre 1990 e 2010. Por fim, entendemos que Nostalgia da Luz, através de uma narrativa baseada nos testemunhos (seja aqueles do próprio diretor quanto dos entrevistados) torna-se um filme com vários gestos de resistência às políticas de esquecimento, silenciamento e de interdição do passado.



## Resumo das Comunicações do ST – História, Subjetividades e Resistência

### 2. Transexualidade - Um transtorno mental ou uma não-conformidade do sexo biológico?

Ana Carolina Pereira Duarte  
Graduanda em História – PUC Minas  
acpereiraduart@gmail.com

**Palavras-chave:** Transexuais; Saúde; Tratamento; Política; Poder.

É recente a resolução que autoriza como forma terapêutica a cirurgia de transgenitalização em pessoas transexuais no nosso país. Mas essa resolução parte da ideia de que a pessoa sofre de um desvio psicológico permanente de identidade sexual, e que isso pode levá-lo a cometer suicídio. Essa intervenção só é permitida através de um rigoroso programa com uma equipe multidisciplinar que comprove o diagnóstico de pessoa transexual. O atual discurso sobre a transexualidade é de que é um “transtorno de identidade”, e o diagnóstico de um modo resumido é uma base de conceitos e fundamentos que podem ser “julgados”. Assim o sexo biológico e o gênero não se encaixando em nenhum dos modelos em conformidade com as práticas discursivas do século XIX, o ser transexual é considerado “doente mental”. Esse discurso preconceituoso já foi problematizado por Michel Foucault, quando ele diz que a sexualidade só pode ser compreendida através de mecanismos de poder e saber que lhes são inerentes. E quando olhamos o âmbito atual, falar sobre sexualidade se tornou algo político e de poder, que regulam, vigiam e ditam como as pessoas trans podem e devem se reconhecer. Ou seja, “sexo – homem, mulher – não é um simples fato ou condição estática, e sim uma construção ideal forçosamente materializada através do tempo.” A sexualidade instaurou a necessidade de ser estudada pela medicina e discutida pela justiça. Ser “sexuado” é estar submetido a um conjunto de regulamentações sociais, que aceitam ou negam a sua existência. Há grande demanda por lugares que sejam referência nesse tratamento no país, pois o mesmo é muito longo e complicado e passar por ele sozinho e sem uma base, é totalmente perigoso e arriscado. Existem várias etapas que se resumem em uma avaliação, acompanhamento psiquiátrico e psicológico individual e em grupo e por fim a hormonoterapia com a intenção de induzir o aparecimento de características do sexo desejado.



## Resumo das Comunicações do ST – História, Subjetividades e Resistência

### 3. Quarenta anos da lei de anistia e a narrativa do jornal alternativo Movimento sobre momento histórico

**Raphael Resende Duarte**

Pós-Graduando em Estudos de Linguagens – CEFET/MG

raphaelrduarte@hotmail.com

**Palavras-chave:** Anistia; História da Mídia; Historiografia; Fontes jornalísticas.

A mídia no Brasil ainda é muito concentrada e desde sempre essa resistência se faz presente. Durante o período da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985) não foi diferente, vários jornais alternativos surgiram e tiveram o seu fim decretado devido a censura prévia e a repressão do período. Entre eles, destaca-se o jornal Movimento, que circulou entre 1975 e 1981, em território nacional. Em sua edição número 210, veiculada em 27 de agosto de 1979, o alternativo traz em sua capa uma das discussões que estavam em voga naquele momento: os mortos e desaparecidos políticos na ditadura que estavam no cemitério dos Perus, em São Paulo e a votação da lei de anistia no Congresso Nacional. Nessa edição são apresentados temas que, até então não estariam sendo amplamente veiculados pela mídia tradicional, como a organização da sociedade civil pela anistia e a presença dos familiares de mortos e desaparecidos políticos em várias localidades do país para a votação da matéria. Além disso, o jornal traz outras abordagens para o momento político que o país vivia, tais como, a luta das mulheres por melhores condições de trabalhos nas metalúrgicas, as greves que aconteciam em todo o país, a luta pela manutenção dos direitos trabalhistas (CLT), o debate sobre a criação de novos partidos políticos no cenário nacional, a hiperinflação que assolava o Brasil, além de levantar discussões sobre os acontecimentos internacionais. De acordo com a taxonomia das fontes proposta por Nilson Lage (2001), verificou-se, após a análise dessa edição, grande número de fontes jornalísticas primárias, testemunhais e oficiosas, através desse tipo de recorte, o jornal procura levar um contraponto a seus leitores, mostrando um outro ponto de vista, que até então não seria vislumbrado pelos veículos de comunicação tradicionais.



## Resumo das Comunicações do ST – História, Subjetividades e Resistência

### 4. A modernidade no centro de Belo Horizonte.

**Matheus Rafael Gonçalves**

Graduado em História – PUC Minas  
matheusrghistoria@gmail.com

**Palavras-chave:** Modernidade, Belo Horizonte, Maletta.

A construção do edifício Arcângelo Maletta em 1961 permeia a aura de modernidade introduzida por Juscelino Kubtschek durante o tempo em que ele assumiu a prefeitura de Belo Horizonte. Buscando discutir como os conceitos de moderno e modernidade constroem no sujeito belorizontino um imaginário de ser moderno e que assim sendo pertence ao centro se distinguindo dos demais. Maletta nasce em meio a uma narrativa que determina seu uso e delimita seus usuários, e como estes se moldam para que o imaginário do sujeito moderno perpetue e afirme a identidade da cidade, moderna e planejada para tal, que é Belo Horizonte. Neste ensaio iremos relacionar este imaginário introjetado por Juscelino e que enraizou na formação do belorizontino e se perpetua ainda hoje na identidade do sujeito formado na capital mineira.



## Resumo das Comunicações do ST – História, Subjetividades e Resistência

### 5. Lembranças de um Mundo Velho: memórias e trajetórias familiares na construção da narrativa Histórica

**Marlon Marcelo**

Mestrando - UFMG

marlonmarcelo.s@gmail.com

**Palavras-chave:** Pós-abolição; Clube Mundo Belho; Clube Social Negro; Memória; Família.

O trabalho discute as possibilidades e desafios do uso da história oral e das trajetórias familiares como método para pensar os processos de racialização na primeira metade do século XX e as narrativas históricas sobre o Pós-abolição. É fruto de reflexões suscitadas na pesquisa de mestrado, em andamento, sobre as estratégias sociais da população negra no pós-abolição da escravatura a partir da atuação cultural e política do clube social negro Mundo Velho, situado no município de Sabará, em Minas Gerais. A investigação tem como eixo central as memórias e trajetórias familiares dos frequentadores do clube e as experiências das pessoas de cor no início do século passado, sendo estas entendidas como elementos substanciais das narrativas de liberdade. O Clube Mundo Velho iniciou suas atividades em 1894 como um bloco carnavalesco e posteriormente se estruturou como clube social, estabelecendo em sua sede diversas atividades culturais e políticas em Sabará. No extrato do seu primeiro estatuto, a entidade definia como suas finalidades a realização anual dos festejos carnavalescos; a promoção de festas nacionais, musicais, esportivas; bailes e apresentações teatrais; e a criação, em tempo oportuno, de um curso de alfabetização e biblioteca. Os clubes carnavalescos foram um dos principais meios de associação da população negra no pós-emancipação, a formação de blocos, grupos teatrais e agremiações esportivas e culturais serviam como local de articulação, sociabilidade e solidariedade para comunidades recém egressas da escravidão (GILL & LOONER, 2009). Esses grupos, além de promover eventos recreativos à população negra, ofereciam serviços de assistência a crianças e adultos, cursos e uma extensa rede de relacionamentos, amizades, relações de compadrio e oportunidades de emprego e casamentos. Idealizado por homens letrados e atuantes na política local, o Clube Mundo Velho se tornou um espaço de encontro da população negra. Nos primeiros anos não contava com uma sede fixa e executava apenas algumas ações pontuais na cidade, em 1934 foi construída a sede da associação, onde ainda acontece os eventos do clube. No pós-



emancipação os libertos se associavam em arranjos informais com fins de auxílio mútuo, estabelecendo uma “territorialidade negra” marcada por laços sociais e expressões culturais próprias que se estruturava a partir de padrões advindos de experiências anteriores à abolição (WISSENBACH, 1998).Essas agremiações possibilitavam que os libertos estabelecessem novas redes de relações pessoais e institucionais que engendraram diferentes práticas sociais no espaço urbano, especialmente modos particulares de interagir com a política local. A partir de entrevistas e levantamento de trajetórias familiares com frequentadores do clube, procuro levantar questões sobre como a população negra constituiu meios de resistências aos processos de segregação racial nos primeiros anos da república. Além disso, busco refletir como as comunidades constituíram práticas políticas, estas vinculadas à cultura, diferentes daquelas pensadas pelas elites.



## Resumo das Comunicações do ST – História, Subjetividades e Resistência

### 6. Enfermagem em movimento: A mulher negra em um espaço branco

**Raíza Gomes Araújo de Paulo**

Graduanda em História - UFMG

raiza00@yahoo.com

**Palavras-chave:** História da enfermagem, Enfermeira Negra.

A Escola de Enfermagem Carlos Chagas, atual Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, foi criada em 1933, como parte dos esforços da Diretoria de Saúde Pública do estado de Minas Gerais. No decreto de fundação, o estado mineiro estabelece a necessidade de equiparação aos parâmetros do padrão da Escola de Enfermagem Anna Nery. Essa equiparação era conquistada com o cumprimento de alguns requisitos listados no decreto nº 20.109 que regulamentava o exercício da Enfermagem no Brasil. Se os decretos eram responsáveis por listar as questões de estrutura, equipamentos e cargas horárias, o padrão Anna Nery, apropriação do “padrão Nightingale”, abrangia também as expectativas sociais de como deveria ser uma enfermeira: mulher, branca e de “boa base social”. Entretanto, as expectativas de adesão dessa camada social não foram cumpridas e a necessidade de formar enfermeiras para o suprimento das demandas da saúde pública brasileira alargaram as possibilidades de mulheres fora deste padrão ingressarem nas Escolas de Enfermagem, entre elas a Escola Carlos Chagas. Assim, a partir do caso da estudante Maria Barbosa Fernandes, primeira enfermeira negra a ser graduada na Escola de Enfermagem Carlos Chagas, pretende-se refletir sobre as expectativas colocadas pelo padrão Anna Nery e os confrontos possibilitados pelo “alargamento” do padrão. Essa análise parte de um estudo histórico social realizado por meio de comparação e análise de fotografias, memoriais, documentos de matrícula e uma entrevista concedida por Maria Barbosa ao NUPEQS (Núcleo de Pesquisa e Estudos Sobre Quotidiano em Saúde) em 1998. Foi também empreendida uma revisão bibliográfica sobre as diversas faces do racismo na sociedade do pós-abolição e dos conceitos de poder simbólico e violência simbólica desenvolvidos por Pierre Bourdieu, pois partiu-se do pressuposto que estes foram enfrentamentos vividos por Maria Barbosa. Localizada na fronteira entre diversas áreas do conhecimento, a pesquisa provoca importantes reflexões sobre o ambiente escolar, o perfil de alunas adotado pelas escolas de enfermagem e a



operação voluntária e involuntária que construiu e constrói as representações sociais em torno da figura das enfermeiras e dos fatores que atuam como limitação de suas expectativas.





## Resumo das Comunicações do ST – História, Subjetividades e Resistência

### 7. Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos - Muquifu

**Silvia Gomes Pêgo**

Graduanda em História – PUC Minas  
sylvie.brasil@gmail.com

**Palavras-chave:** Museu; Resistência; Memória e Identidade.

A presente comunicação se propõe a dissertar acerca do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos - Muquifu, que foi criado por iniciativa de uma Comissão de Paz, formada por moradores do Aglomerado Santa Lúcia, com a missão de preservar o patrimônio imaterial e material das comunidades que estão sendo removidas pelo programa de urbanização de vilas e favelas em Belo Horizonte. O museu problematiza a marginalização dos negros pobres na sociedade belorizontina, a começar por sua expulsão do antigo Curral Del Rei, pela Comissão Construtora, para a edificação da nova capital do estado de Minas Gerais, no final do século XIX. O que os forçou a ocupar espaços fora do perímetro da cidade, ou seja, fora da Avenida do Contorno. Perpassa pela discriminação da igreja Católica no século XX, com a proibição da realização da Festa do Rosário. Uma festividade religiosa de origem africana que traz consigo a identidade do povo negro. E culmina nas intervenções urbanísticas realizadas pelo Programa Vila Viva da Prefeitura de Belo Horizonte, em vilas e favelas da cidade, no século XXI, sem levar em consideração a memória e identidade das comunidades afetadas. A pesquisa in loco visou possibilitar uma vivência sócio-cultural, sob a ótica da memória e da identidade numa visita ao museu. Os dados apurados durante a visita foram passados de forma oral pelo diretor e curador do museu, Padre Mauro Luiz da Silva, doutorando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Com base nas informações levantadas, verificou-se a falta de interesse do poder público, bem como de entidades da sociedade civil em investir na melhoria da infraestrutura do museu, que sobrevive de doações e do trabalho voluntário de seus apoiadores.



## Resumo das Comunicações do ST – História, Subjetividades e Resistência

### 8. Título Ditadura civil-militar: políticas indigenistas sob a égide da Doutrina de Segurança Nacional (1967-1972)

**Fernanda Mendes Santos**

Graduanda em História – PUC Minas  
fernanda54mendes@gmail.com

**Palavras-chave:** Ditadura civil-militar; Políticas indigenistas; Doutrina de Segurança Nacional.

A Ditadura civil-militar (1964-1985) foi um acontecimento histórico marcante para o povo brasileiro, em que as torturas, prisões arbitrárias e os assassinatos conviviam com uma falsa utopia desenvolvimentista. Esta comunicação tem o objetivo de evidenciar a presença da Doutrina de Segurança Nacional nas políticas indigenistas durante a ditadura civil-militar. Essa ideologia, aplicada a todos os países da América Latina que tiveram ditaduras militares, seja por influência ou diretamente imposta pelos Estados Unidos, foi responsável por arquitetar, desenvolver e manter o regime por tantos anos. No entanto, apesar de amplamente estudada por diversas áreas das Ciências Humanas, quando é aplicada às políticas indigenistas, há um silêncio, principalmente historiográfico. A análise aqui proposta tem como arcabouço teórico Joseph Comblin (1978), ao explicar a Doutrina de Segurança Nacional e sua aplicação no contexto brasileiro e Felipe de Sousa Prado (2018), que discute a militarização das políticas indigenistas durante toda a história brasileira: da colônia à república. De caráter exploratório, essa pesquisa, apesar de concisa, concluímos a presença dessa ideologia até mesmo no processo de criação da Fundação Nacional do Índio (1967), principal órgão de tutela dos povos indígenas.



## Resumo das Comunicações do ST – História, Subjetividades e Resistência

### 9. Reformatório Krenak: repressão e tortura aos povos indígenas em Minas Gerais (1969-1972)

**Fernanda Mendes Santos**

Graduanda em História – PUC Minas

fernanda54mendes@gmail.com

**Palavras-chave:** Reforma Krenak; Ditadura civil-militar; Políticas indigenistas.

Reformatório Krenak foi um presídio para “delinquentes” indígenas criado durante a ditadura civil-militar em plena instauração do AI-5, conhecido como o período de maior recrudescimento do regime, em que fazia parte de um plano maior de desenvolvimento econômico, privilegiando as camadas mais abastadas. Sendo assim, o Reformatório é criado no início de 1969 e fechado no final de 1972, por falta de verba e inúmeras denúncias e escândalos. Sob a administração da Ajudância Minas-Bahia, uma repartição da FUNAI, a violência, o encarceramento e a tortura foram constantes para os diversas etnias indígenas que foram subjugadas na mão do Estado brasileiro. Sendo assim, esse trabalho tem o objetivo de denunciar essas práticas contra os povos indígenas, a partir de fontes retiradas do site da Comissão da Verdade de Minas Gerais, sendo estas de diferentes origens, documentos oficiais, entrevistas e iconografias. Nos sustentamos a partir de Antônio Jonas Dias Filho (2015), que desde o início do seu argumento sustenta a ideia dos indígenas serem na verdade presos políticos e Gustavo Araújo Simi (2017), ao tecer o argumento da necessidade urgente de reparação aos povos indígenas, até hoje negada pelo Estado brasileiro.



## SIMPÓSIO TEMÁTICO – HISTÓRIA E GÊNERO

### Coordenação

**Cássio Bruno de Araújo Rocha**  
Doutorando em História - UFMG  
caraujorochoa@gmail.com

### Comunicações

1. CASSOLI, Marileide Lázara. *“Educar os genes”*: Ordem e “des-ordem” na cidade planejada. Belo Horizonte, 1887 – 1930.
2. DIAS, Raíssa Quiterio. *Historiografia da História das Mulheres: a luta pela historicidade feminina*.
3. EIVA, Bianca Freire; BARROS, Mariana Tavares de. *Revisão bibliografia da história das mulheres: Principais dificuldades na área*.
4. FERREIRA, Kamila Pacheco Louro. *O ideal de beleza renascentista e a invisibilidade da mulher negra: Harmonia Rosales como mecanismo de novas perspectivas*.
5. GOMES, Iasmin do Prado. *Gênero, resistência e moral católica: atuação de exiladas chilenas no semanário Mensaje (1973-1990)*.
6. LEMOS, Renata Alves Pinto. *Trajetória de gênero: o ser mulher jogadora de futebol - primeiras impressões*.
7. OLIVEIRA, Talita Ertal de; LEITE, Ana Clara Alves; MEDES, Marília Perschini. *Mulheres na luta pela independência da América Latina e a visão de biografias dos séculos XIX e XX*.
8. SABINO, Laura Moreira. *As mulheres e o “Milagre Econômico”*: um estudo sobre as representações sociais sobre as mulheres entre 1968 e 1974.
9. SILVEIRA, Juliana Machado. *Escrita feminina e relações de poder na clausura: o caso de Ursula Suárez (1666-1749) e o confessor Tomás de Gamboa y Ovalle (1649-1728)*.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Gênero

### 1. “Educar os genes”: ordem e “des-ordem” na cidade planejada. Belo Horizonte, 1897-1930

**Marileide Lázara Cassoli**  
Doutora em História – UFMG  
marileidelazara@gmail.com

**Palavras-chave:** Serviço Doméstico Feminino; Pós-Abolição; Modernização.

A partir dos autos de corpo de delito por defloramento, nos quais encontravam-se envolvidas mulheres afrodescendentes e que se dedicavam ao trabalho doméstico, nos propomos discutir as relações de trabalho, familiares e pessoais nas quais estas mulheres estavam inseridas no contexto de formação de um mercado de trabalho livre no Brasil. Essas mulheres aparecem conectadas a outros atores sociais e espaços que estão além das relações de trabalho. Atores e espaços cujas dinâmicas sociais revelam uma outra face da capital mineira projetada e planejada nos moldes do higienismo, do sanitarismo, enfim, da educação dos genes. Nesse sentido, faz-se necessário ampliar os estudos sobre as relações construídas entre o trabalho doméstico feminino e as “relações educativas” estabelecidas no interior e/ou extra muros escolares, reveladas, por exemplo, nas legislações relacionadas ao trabalho, ao controle da vadiagem e ao controle do corpo e da moral feminino, em Belo Horizonte, nos anos de 1897 a 1930. Abordar as estratégias de homens e mulheres que vivenciaram a implementação do projeto modernizador representado pela construção da nova capital mineira, acreditamos, contribua que diferentes percepções sobre a “modernização” e seus impactos nas relações de trabalho, familiares, entre outras, ganhem visibilidade. Nesse microcosmo, representado pela cidade em seus primórdios, adultos, jovens e crianças eram objetos de uma “educação” que extrapolava os muros escolares e tinha entre os seus objetivos civilizar e despertar o senso de urbanidade, a cortesia, e bom termo, os estilos de gente civilizada, e polida. Suas vivências e estratégias nesse “campo de batalhas” podem desvelar o quanto, efetivamente, o projeto civilizador/modernizador/educador pensado pelas elites dirigentes impactava o cotidiano desses atores sociais, os seus “amotinamentos” ou suas estratégias de sobrevivência ou adesão aos ditames da modernidade. A leitura sobre as dinâmicas do cotidiano dessas trabalhadoras tem sido realizada, nessa pesquisa, a partir do cruzamento das fontes depositadas nos fundos



documentais do arquivo do judiciário, da Chefia de Polícia e das atas da Conferência Católica Feminina. O cruzamento dessas fontes nos possibilita vislumbrar o universo social no qual essas mulheres se inseriam e se movimentavam.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Gênero

### 2. A Historiografia da História das Mulheres: a luta pela historicidade feminina

**Raíssa Quiterio Dias**

Graduanda em História – PUC Minas

raissaq.dias@gmail.com

**Palavras-chave:** História das Mulheres; Historiografia; Gênero.

O presente trabalho é fruto de discussões e pesquisas interdisciplinares que vêm sendo departamento de História da PUC Minas, e se insere nas atividades desenvolvidas pelo grupo de estudo História das Mulheres e do Feminismo, ligados a abordagens metodológicas propostas pela Nova História Social. Os estudos realizados no campo histórico acerca do protagonismo feminino tem alcançado, nas últimas décadas, um espaço considerável nas produções acadêmicas partindo do pressuposto de grandes nomes como Michelle Perrot, Judith Butler e Mary del Priore. Nesse sentido, o estudo se propõe uma breve discussão sobre a jornada percorrida em busca da visibilidade e historicidade feminina dentro da academia, e refletir sobre a produção historiográfica que apresenta como temática a participação das mulheres nos acontecimentos históricos e na História do cotidiano e que, embora não exclusivamente, tem sido em grande parte produzida por mulheres. Para além, busca-se apreender as possibilidades e perspectivas dessa área da História.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Gênero

### 3. Revisão bibliografia da história das mulheres: Principais dificuldades na área

**Bianca Freire Eiva**

Graduanda em História – PUC Minas  
biancafreire819@gmail.com

**Mariana Tavares de Barros**

Graduanda em História – PUC Minas

**Palavras-chave:** Mulheres; Historiografia; Dificuldades.

O trabalho tem como objetivo estabelecer e apresentar as dificuldades encontradas por intelectuais ao fazerem um estudo mais aprofundado do campo de domínio da História das Mulheres, identificando as raízes do problema e mostrando como as historiadoras fizeram, e ainda fazem, para conseguir seu espaço de fala e reconhecimento por seu trabalho. Para a realização deste trabalho foram usados, com maior peso, estudos de Margareth Rago, "Epistemologia feminista, gênero e história", e de Rachel Soihet, "História, mulheres, gênero: Contribuições para um debate". Dito isso, o estabelecimento da mulher como objeto de estudo no campo da história teve que lidar ao longo do percurso com diversos empecilhos, dentre os primeiros a serem citados está o sistema patriarcal no qual a sociedade ainda é estruturada. Isso se deu devido aos fatos de que as únicas representações femininas ao longo do tempo eram marginalizadas ou inexistentes, e as mulheres eram excluídas dos cenários históricos mais relevantes, sendo vistas sempre como incapazes de ocupar um lugar como protagonistas na história, pois esta era feita por e para os homens. Por conseguinte, estudar as mulheres, e colocá-las à frente de sua própria história, foi por muito tempo algo desinteressante para o mundo acadêmico, o que tornou o trabalho das historiadoras muito mais complexo. As historiadoras pioneiras nesse campo encontraram, como mais dificuldades, o isolamento intelectual, a falta de professores dispostos a orientarem um trabalho com essa temática e a escassez de bibliografia sobre esse tema, como mostra Margareth Rago em seu artigo. Outra das maiores dificuldades neste estudo é não colocar o homem como objeto de pesquisa, uma vez que, é preciso estudar o patriarcado, que é um sistema que visa beneficiar o homem, para entender melhor seu papel na opressão femininas. Porém é necessário manter uma distância segura entre o estudo que prioriza a mulher e o estudo do sistema patriarcal. Mas o verdadeiro





desafio sempre foi desconstruir a imagem de inferior ligada à mulher e provar, através da produção da historiografia feminina, que mulheres são capazes de produzir e protagonizar momentos históricos, como afirma Margareth Rago: “Na verdade, se esta tendência historiográfica se forja na crítica aos estudos que silenciavam a presença dos “vencidos”, produzindo seus “silêncios” ou vitimando-os demais, afirma-se então na tentativa de construir a identidade destes grupos, respondendo a seu modo aos movimentos sociais que ganham visibilidade fora da academia, seu tom romântico evoca em alguns momentos a construção de antigos mitos e heroicização da história positivista.”(SILVA, Zélia Lopes, 1995, p. 85, apud, RAGO, Margareth).



## Resumo das Comunicações do ST – História e Gênero

### 4. O ideal de beleza renascentista e a invisibilidade da mulher negra: Harmonia Rosales como mecanismo de novas perspectivas

**Kamila Pacheco Louro Ferreira**  
Graduanda – PUC Minas  
kamila.pacheco@hotmail.com

**Palavras-chave:** Mulher Negra; Renascimento; História da Arte; Harmonia Rosales.

A arte nos é apresentada de forma recorrente como detentora de uma função social. Em concordância à essa perspectiva, Jauss (1979) a apresenta como capaz de conduzir o ouvinte ou o espectador à transformação de suas convicções e à libertação de sua psique. Assim, o contato com ela possibilitaria mudanças subjetivas. Somado a isso, a avaliação da arte ao longo do tempo com base no gosto, ou seja, a ideia do belo e do feio, fora algo socialmente construído. Desse modo, é possível perceber através da história da arte algumas convicções e gostos relacionados às mesmas a partir de seus contextos, já que, em seu estudo *A evolução do gosto* (2006) Hélio Novak nos mostra que a qualificação coletiva das obras de arte se trata menos de opinião do que podemos imaginar. Algumas obras ao longo da história tiveram um poder influenciador tão grande que moldaram o imaginário do ser humano até os dias de hoje. O historiador Ernst Gombrich (1950) nos dá o exemplo de “A criação de Adão” de Michelangelo (1475-1564), e demonstra que não é exagero dizer que a imagem de Deus Pai presente nas sucessivas gerações, também de gente humilde que possivelmente nunca ouviu falar de Michelangelo, ganhou forma diretamente e indiretamente através do ilustrado na Capela Sistina. Obras como essa, pertencentes ao movimento renascentista na arte, representam um ideal de beleza. No entanto, um ideal de beleza eurocêntrico em que a beleza negra não aparece. A historiadora Elizabeth McGrath em seu estudo *A Andrômeda Negra* (1992), mostra como a princesa da Etiópia foi descrita como de pele negra e isso frequentemente foi omitido na arte ocidental porque para os artistas ela deveria ser bonita e a negritude não estava dentro do ideal de beleza. Nesse contexto, no presente trabalho considero importante analisar, com o aporte teórico dos autores já citados, a importância das obras de arte produzidas por Harmonia Rosales atualmente. A artista afro-cubana-americana recria obras clássicas renascentistas substituindo os personagens por mulheres negras. Harmonia desafia os ideais de beleza renascentistas ainda enraizados na sociedade e possibilita a



transformação das convicções principalmente por meio da representatividade. Para ela, “o renascimento domina habilidade e composição impecáveis, mas nunca conseguiu se relacionar porque representava principalmente uma hierarquia masculina branca e a mulher subordinada idealizada imersa na concepção eurocêntrica de beleza” (2017).



## Resumo das Comunicações do ST – História e Gênero

### 5. Gênero, resistência e moral católica: atuação de exiladas chilenas no semanário Mensaje (1973-1990)

Iasmin do Prado Gomes  
Graduada – UFOP  
iasminpgomes@hotmail.com

**Palavras-chave:** Igreja Católica; Chile; Exílio; Gênero e Feminismo.

Esta investigação almeja estudar como as relações entre feminismo e Igreja Católica corroboraram para a atuação de exiladas chilenas no semanário Mensaje durante o recorte temporal de 1973 a 1990. O golpe de 11 de setembro de 1973, liderado por Augusto Pinochet, ocasionou efervescência do movimento feminista chileno. Sob o slogan Democracia en el país y en la casa, grupos de mulheres denunciaram a repressão gerada pelo autoritarismo e as formas de opressão que historicamente hostilizavam as mulheres no âmbito privado (KIRKWOOD, 1990). Entender como a primeira instituição feminista chilena, o Círculo de Estudios de la Mujer (1979) recebe espaço na Academia de Humanismo Cristiano (1975) é fundamental para entendermos tais relações. Outro ponto consiste em conceber Mensaje, um impresso católico, como mutável e temporal. Ou seja, historicizá-lo, compreender como acompanha as transformações que percorreram a Igreja Católica no período estudado e de qual maneira a moral católica nele inserida se porta perante a sociedade chilena e o cenário ditatorial também característico de outros países latino-americanos. A historiografia sobre o exílio chileno apresenta lacunas, no que tange ao, desterro feminino. Esta pesquisa, também objetiva responder algumas das perguntas postas pelo campo de conhecimento. Como a hierarquia de gênero manifestava-se em partidos da esquerda do exílio? E nos impressos? Quais as produções realizadas por exiladas chilenas no país receptor? E o grau de aproximação e distanciamento que mantinham com as feministas que atuavam no Chile, na luta pela democracia? Para tal contaremos com a Nova História do Tempo Presente, a História das Mulheres, a História dos Impressos e a História Intelectual.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Gênero

### 6. Trajetória de gênero: o ser mulher jogadora de futebol - primeiras impressões

**Renata Alves Pinto Lemos**  
Mestranda – UNESAV/UFSJ  
reaplemos@gmail.com

**Palavras-chave:** Futebol Feminino; Gênero; Mulher.

A apresentação consiste em uma análise inicial de uma investigação sobre o entendimento do ser mulher jogadora de futebol. Utilizando-se do método da história oral, o trabalho tenta entender o caminho que mulheres percorrem até chegarem a um time de futebol profissional e todos os obstáculos que esse percurso tem. A pesquisa trata-se de um estudo de caso de jogadoras do Clube Atlético Mineiro.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Gênero

### 7. Mulheres na luta pela independência da América Latina e a visão de biografias dos séculos XIX e XX

**Talita Ertal de Oliveira**

Graduanda em História – PUC Minas  
ertaltll@gmail.com

**Ana Clara Alves Leite**

Graduanda em História – PUC Minas

**Marília Persechini Mendes**

Graduanda em História – PUC Minas

**Palavras-chave:** Mulheres; Independência da América Latina; Biografia.

Ao estudar o tema da independência da América Latina no século XIX, observa-se a consagração de heróis nacionais considerados símbolos de fundação da pátria. Grande parte do conhecimento desses sujeitos relegado para a posteridade é devido ao registro de suas histórias em biografias, escritas nos séculos XIX e XX. No entanto, a participação feminina nos movimentos de independência é majoritariamente silenciada, e mesmo quando tema do gênero literário citado, são em obras escritas por homens e refletem o pensamento social do período, referindo-se a essas figuras históricas como mulheres femininas, com características maternais e restritas ao âmbito privado. A análise das biografias como as de Juana Azurduy, Maria Quitéria e Manuela Sáenz revela-nos como a sociedade da época em que viveram percebia sua participação na luta independentista além da imagem que essas obras pretendiam deixar para o futuro, de mulheres que mesmo transgredindo as normas morais impostas mantinham os caracteres que definiam o papel feminino. Desse modo, o artigo busca apontar essas deturpações conferidas às suas histórias além de enfatizar a luta e a decisiva participação das mulheres na independência da América Latina.



## Resumo das Comunicações do ST – História e Gênero

### 8. As mulheres e o “Milagre Econômico”: um estudo sobre as representações sociais sobre as mulheres entre 1968 e 1974

**Laura Moreira Sabino**  
Graduanda – PUC Minas  
mylaura\_m@hotmail.com

**Palavras-chave:** Ditadura Civil Militar; Representações Sociais Femininas; Estudos Feministas

Esta comunicação tem por objetivo analisar as representações sociais de mulheres durante o regime civil militar entre os anos de 1968 e 1974. A periodização desse estudo se deve, por um lado, ao recrudescimento da ditadura civil militar, com a imposição do Ato Institucional número 5 (AI5), que suprimiu os direitos civis e políticos da sociedade brasileira. Por outro lado, trata-se de um período marcado por uma vertiginosa expansão econômica, cujos patamares de crescimento ultrapassam a 10% ao ano. Partimos da hipótese de que a condição feminina se encontra, nesse período, em uma situação ambivalente: tanto há uma busca pela manutenção rígida da divisão sexual do trabalho, por meio de um discurso conservador e autoritário que relega às mulheres posições de subalternidade e silenciamento quanto a emergência de um discurso liberal que fomenta a inserção social de mulheres em novos postos de trabalho criados pelo crescimento econômico. Para tanto, lançaremos mão de duas fontes primárias: uma obtida por meio de comerciais exibidos pelas emissoras de televisão durante o horário nobre, momento em que há uma audiência expressiva de todas as classes sociais e outra obtida por meio de discursos oficiais proferidos pelos militares. A compreensão das tensões e conflitos entre uma fonte e outra será a base empírica de nosso trabalho. Supomos que o cotejamento dessas fontes tendo como base os princípios da análise do discurso, permitirá que se compreenda o lugar social da mulher durante esse período. Do ponto de vista teórico, o presente trabalho tem como base os fundamentos do pensamento feminista de Simone de Beauvoir e estudos historiográficos que abordam o período em que pretendemos investigar. Cumpre sublinhar que em sua obra “O Segundo Sexo”, Simone de Beauvoir problematiza a ideia de uma essência que seja inerente ao gênero feminino. Para a autora, o destino e a construção de uma mulher resultam de uma convergência de regras e normas aos quais as mulheres são submetidas e socializadas desde muito jovem. Espera-se



que o presente estudo contribua para ampliação do olhar do campo histórico que busca compreender os lugares sociais ocupados historicamente pelas mulheres brasileiras.





## Resumo das Comunicações do ST – História e Gênero

### 9. Escrita feminina e relações de poder na clausura: o caso de Ursula Suárez (1666-1749) e o confessor Tomás de Gamboa y Ovalle (1649-1728).

**Juliana Machado Silveira**  
Mestranda em História – UFOP  
julianamachados3@gmail.com

**Palavras-chave:** Ursula Suárez; Escrita Feminina; Gênero; Joseph Morsel.

Os séculos XVI e XVIII presenciaram certo crescimento da alfabetização e da escrita literária femininas no interior dos espaços conventuais, que recebiam principalmente as mulheres das classes mais abastadas. A escrita era um fator de distinção social e um diferencial no serviço na vida comunitária religiosa. Algumas monjas tornaram-se célebres por deixar registrado o seu legado espiritual sob um ideário místico. Uma delas é a religiosa chilena de véu negro, Ursula Suárez (1666-1749), autora da obra intitulada “Relación Autobiográfica”, encomendada pelo confessor Tomás de Gamboa y Ovalle (1649-1728). Trata-se de uma narrativa acerca dos sucessos de sua vida para fins confessionais e inquisitivos. O material para a confecção dos relatos (papel, tinta e pena) era entregue e retirado, segundo o critério e discernimento do diretor espiritual, que chegou a queimar grande parte dos escritos que se encontravam sob a sua guarda. Além do mais, o padre confessor tinha poder irrestrito sobre o conteúdo produzido pela monja, podendo julgá-la por heresia ou avaliá-la como possessa do demônio. A fim de inserir os escritos ursulinos nos debates historiográficos, tomaremos como base as teses do historiador francês, Joseph Morsel, no estudo “Ce qu’écire veut dire au Moyen ge... Observations préliminaires à une étude de la scripturalité médiévale”, que refuta a tendência historiográfica de relacionar o domínio da escrita como forma de obtenção de poder, em detrimento daqueles que não têm acesso à cultura letrada. Em outras palavras, a que destaca a escritura como fator de autoridade em relação à oralidade. Trata-se de uma visão que privilegia a técnica, ignorando o seu uso social, que seria criticada, posteriormente pela História Cultural. Para Morsel, o que é determinante nas relações de poder, no tocante à escrita, são as condições simbólico-culturais. Visto isto, a principal questão desta apresentação é: o controle da escritura pelas religiosas pôde contribuir de forma real para a emancipação nos XVII e XVIII? Nossa hipótese é que o restrito domínio escritural pelas mulheres no espaço conventual, em especial, o de Ursula Suárez, não pode contribuir sozinho



para a subversão da ordem vigente. Isto porque eram as autoridades masculinas, com seu domínio simbólico, determinavam o ritmo, a ocasião e o conteúdo (quase sempre limitado ao âmbito religioso) dos trabalhos, ou seja, toda a prática de escrita nos mosteiros femininos. É deste modo, que Ursula foi submetida por quase toda a sua vida, no Mosteiro de Santa Clara de la Vitória, a uma escrita compulsória que evidenciava as relações de poder na divisão de funções entre diretores espirituais e assistidas, entre monjas e padres e entre homens e mulheres.



## SIMPÓSIO TEMÁTICO – RESISTÊNCIAS, CULTURAS E PRÁTICAS POLÍTICAS

### Coordenação

**Mário Cléber Martins Lanna Júnior**

Doutor em História – UFRJ  
mariolanna@gmail.com

**Ana Marília Carneiro**

Doutora em História – UFMG  
anammc@gmail.com

**Keli Carvalho Nobre de Sousa**

Doutoranda em História - UFMG  
kelinobre27@gmail.com

**Raphael Coelho**

Doutorando em História – UFMG  
raphaelcneto@yahoo.com.br

### Comunicações

1. ABAFE, Luciano dos Santos; ASSIS, Yan Bruno Mesquita de. *O outro lado do lugar de fala: os revisionismos da ditadura brasileira.*
2. ÁGATA, Janne. *Mulheres negras e a discriminação no mercado de trabalho.*
3. ANDRADE, Gabriel Campos. *A falta de um espírito republicano: patrimonialismo e dificuldade de se consolidar uma República.*
4. CARNEIRO, Ana Marília. *Resistência cultural e práticas autoritárias na atualidade: de que censura estamos falando?*
5. COELHO, Lucas Barcelos de Assunção; SOARES, Juliana de S.; LAGE, Marcus Vinícius Costa. *Torcida contra o vento: a oposição à Ditadura de Roberto Drummond nas Copas de 1972, 1978 e 1982.*
6. CRUZ, Mariana Brescia. *Vicaría de La Solidariedad: resistência política e solidariedade na Igreja católica chilena.*
7. DIANA, Elvis de Almeida. *A História dos Intelectuais como aporte para a pesquisa das práticas políticas no Uruguai do Oitocentos.*
8. DIAS, Lucas André da Luz; DIAS, Jodiel Brito; MARTINS, Samuel. *1964: Os perigos de uma revisão na história.*



9. DUARTE, Raphael Resende.. *As narrativas dos jornais O Globo e Estadão – um marco temporal do dia do afastamento definitivo de Dilma Rousseff da presidência da república*
10. FREITAS, Roberth Daylon dos Santos. “*Enterrando os mortos em suas entranhas*” *A tradição oral nos estudos da expansão Mane-Sumba em Serra Leoa.*
11. GONÇALVES, Bruno Geraldo Guimarães. *Ensino e Ditadura Militar: o uso da disciplina Educação Moral e Cívica como instrumento de controle político no Colégio Estadual Central de Belo Horizonte.*
12. HAMACEK, Carolina Fernandes Del Rio. *Ditadura, cinema e futebol: uma análise de “Pra frente Brasil” e “O ano em que meus pais saíram de férias”.*
13. LIGOURI, Bárbara Amaral. *Guerra Catilinária e corrupção: Estudo sobre as estruturas romanas na República Tardia.*
14. MEIRELLES, Raphael Soffe. *Noivas do cordeiro, uma comunidade outsider? História, organização econômica e social, dilemas e reflexões.*
15. MENEZES, Andressa Lopes Gomes Marques; HAMACEK, Carolina Fernandes Del rio. *A Congada no Brasil: Tradição Ibérica e Sincretismo.*
16. PEDROSO, Ana Laura Pelegrine; SILVA, Joyce Angel Nunes; MAIA, Cynthia. *Entre inventários e memórias: uma breve história da capoeira.*
17. REZENDE, Laura Meniconi; MELO, Sophia Souza Gomes de. *Música através da Resistência.*
18. SANTOS, Ivângilda Bispo dos. *Reagindo ao luso-tropicalismo: colonização e projetos de civilização em Moçambique.*
19. SILVA, Suzana Lissa Rosa. *Os jovens no festejo de Nossa Senhora do Rosário em Catalão/GO: cultura, tradições e saberes.*
20. SOARES, Juliana S.; CRUZ, Mariana Brescia. *Allende e a Via Chilena para o Socialismo: memória e narrativas no jornal Estado de Minas (1970 – 1973)*
21. SOUZA, Keli Carvalho Nobre de Souza. *Transgredindo e subvertendo a ordem: músicos e dançarinas de origens africanas nas Minas Setecentistas.*
22. VIEGAS, Luiz Marcelo. *Origens Históricas da Maçonaria.*



## | Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 1. O outro lado do lugar de fala: os revisionismos da ditadura brasileira

**Luciano dos Santos Abafe**

Graduando - UFOP

lucianosabade@gmail.com

**Yan Bruno Mesquita de Assis**

Graduando - UFOP

**Palavras-chave:** Revisionismo; Historiografia; Ditadura Militar; Memória.

A memória como um fenômeno decorrente da nova relação que se tem com o tempo mais acelerado, permite um “alongamento” de determinados fatos, na forma do que se conhece como presentismo. Deste modo, é possível fazer uma análise crítica sobre a obra *O Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*, de Leandro Narloch (2009). O livro utiliza da técnica de revisionismo ao negar traumas de um passado e ser aceito por um determinado grupo de pessoas. A memória aqui a ser analisada é a decorrente do período ditatorial vivido no Brasil, dos anos de 1964 até 1985.



## Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 2. Mulheres negras e a discriminação no mercado de trabalho

**Janne Ágata**

Graduanda em História - PUC Minas  
agatajanne@yahoo.com.br

**Palavras-chave:** Mulheres negras; Mercado de trabalho; Discriminação; Preconceito.

O objetivo desse trabalho é analisar dados que comprovam a discriminação e o preconceito vivido pelas mulheres negras no mercado de trabalho. Da dificuldade em se especializar em uma profissão a se inserir no mercado de trabalho alcançando reconhecimento através do êxito salarial, os dados retirados de uma pesquisa feita pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e publicada em 2018 tem como título "Mulheres negras: um estudo sobre a desigualdade entre homens brancos e negros, mulheres brancas e mulheres negras no mercado de trabalho" e nos informa sobre os anos de três dos quatro ,sendo este último interrompido, mandatos dos Partidos dos Trabalhadores no governo federal (Luiz Inácio Lula da Silva, 2003-2011 e Dilma Rousseff 2011 a 2014) nos deixando claro que uma grande parte dos cidadãos brasileiros não são tratados igualmente apenas por não pertencer ao "grupo padrão". Termo usado para se referir a homens brancos na pesquisa. As causas para os discrepantes salários entre grupos sociais presentes na sociedade usados para análise pelo instituto são três : qualificações diferentes, inserções no mercado de trabalho diferentes ou um diferencial salarial puro. No caso da mulher negra há uma diferença salarial pura, quando compara-se com o salário de uma mulher branca. Há também o diferencial por ser negra, além da dificuldade de inserção no mercado e uma ,maior ainda , dificuldade de qualificação. Para analisar quantitativamente o grau de discriminação presente no mercado de trabalho foi usada uma pesquisa realizada no Brasil sobre o tema. A pesquisa feita pela PNAD (Pesquisa Nacional por Análise em Domicílios) mostra dois tipos de discriminação identificáveis : discriminação contra negros e discriminação contra mulheres. Há na sociedade um grupo de pessoas que sofrem apenas por não serem ou fazerem parte de um grupo, o de homens brancos.



## | Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 3. A falta de um espírito republicano: patrimonialismo e dificuldade de se consolidar uma República

**Gabriel Campos Andrade**

Graduando em História - PUC Minas

gabriel\_campos7@icloud.com

**Palavras-chave:** República; Patrimonialismo; Brasil.

A partir da provocação feita no livro: "Sobre o Autoritarismo Brasileiro", em relação as práticas patrimonialistas e com elas afetam a consolidação de nossa República- "O certo é que persistirá no Brasil um sério deficit republicano"(SCHWARCZ, 2019, p.64). Esse trabalho tem por finalidade analisar a falta de um espírito republicano no Brasil e ao mesmo tempo tecer uma crítica ao atual governo. Além de tratar do patrimonialismo (é a mistura do público com o privado), que perpassa desde a colônia até o dado momento. Pretende-se analisar tendo como referência, as historiadoras: Shwarcz e Starling, que trazem a ideia da ausência de um espírito republicano que culmina no patrimonialismo, esse que corrói o coração de nossas instituições e dificultam uma democracia solida. Até dado momento, foi possível observar através da análise das duas historiadoras que a República, apresenta-se fragilizada pela ausência de um espírito republicano e pelas práticas patrimonialistas.



## | Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 4. Resistência cultural e práticas autoritárias na atualidade: de que censura estamos falando?

**Ana Marília Carneiro**

Doutora em História - UFMG

anammc@gmail.com

**Palavras-chave:** Censura; Brasil; Cultura.

Esta comunicação tem como objetivo apresentar e problematizar o conceito de censura a partir da perspectiva histórica. Quando o tema "censura" vem a tona, um dos lugares comuns é associá-lo automaticamente a práticas de controle vigentes durante regimes autoritários. O cerceamento à liberdade de expressão e às manifestações culturais, no entanto, são formas de controle que estiveram presente no Brasil desde o período colonial e adquiriram diferentes nuances com o passar do tempo. A partir de um esforço teórico-metodológico, esta comunicação propõe uma reflexão sobre o conceito de censura, expondo suas principais características em configurações históricas distintas e apontando os contornos que está assumindo na atualidade brasileira.





## Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 5. Torcida contra o vento: a oposição à Ditadura nas crônicas de Roberto Drummond nas Copas de 1972, 1978 e 1982

**Lucas Barcelos de Assunção Coelho**  
Graduando em História - PUC Minas  
lbcelossc@gmail.com

**Juliana S. Soares**  
Mestre em Educação - PUC Minas  
jusouzahist@gmail.com

**Marcus Vinícius Costa Lage**  
Doutorando em História - UFMG  
mvclage@gmail.com

**Palavras-chave:** Futebol, Ditadura militar, Crônica.

“Queria que se vocês sentissem vontade de chorar a chuva que está caindo no Brasil, vocês não chorassem não, vocês ficassem esperando a garça, porque um dia a garça vem e fica com vocês.” É assim que termina a coluna “Bola na Marca”, escrita por Roberto Drummond no jornal Estado de Minas em 7 de março de 1977. Ao falar do tempo chuvoso do Brasil e da vontade de chorar, Drummond poderia estar se referindo tanto aos medos e incertezas da Ditadura Civil-militar instaurada no país, que chegava ao seu momento econômico mais crítico até então, quanto ao campeonato brasileiro perdido pelo Atlético Mineiro frente ao São Paulo, de forma trágica para muitos, nos pênaltis, sem perder nenhum jogo. A relação de Drummond com futebol é amplamente conhecida. Atleticano de coração cunhou a frase “Se houver uma camisa branca e preta pendurada num varal durante uma tempestade, o atleticano torce contra o vento.” Durante o período ditatorial brasileiro, Drummond escreveu inúmeras crônicas esportivas, espaço menos controlado pelos censores. O presente trabalho tem como objetivo analisar as crônicas esportivas de Roberto Drummond em um contexto de Ditadura Civil Militar no Brasil. Para isso a pesquisa utilizará como fontes primárias as crônicas publicadas no jornal Estado de Minas, periódico em que o escritor assinou a coluna “Bola na Marca” por 21 anos. Os jornais se encontram digitalizados na Hemeroteca Pública de Minas Gerais.



## Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 6. Vicaría de La Solidariedad: resistência política e solidariedade na Igreja católica chilena

**Mariana Brescia Cruz**

Graduada em História - PUC Minas  
marianalvt@gmail.com

**Palavras-chave:** Vicaría de La Solidariedad; Resistência; Ditadura chilena.

O golpe militar planejado pela direita chilena, apoiado pelas Forças Armadas e pelos Estados Unidos, marcou a história do Chile e de toda a América Latina ao dar início a uma ditadura que durou até 1990. As denúncias contra as violações de direitos humanos cometidas pela Junta Militar concentravam-se na forma de testemunhos dos sobreviventes das torturas sofridas nas prisões e nos campos de concentração. Os testemunhos eram vistos como uma forma de combate à ditadura e ganharam reconhecimento internacional, contribuindo para a criação de atos e campanhas de solidariedade ao povo chileno, como por exemplo, a Comissão Internacional Investigadora dos Crimes da Junta Militar Chilena, a Conferência Internacional de Solidariedade com o Chile, a Jornadas Culturais Salvador Allende, etc. A formação de uma ampla rede de solidariedade abarcava a produção de testemunhos de membros de diversas esferas sociais, como por exemplo, os setores progressistas da Igreja Católica responsáveis pela criação da Vicaría de La Solidariedad (1976), um importante organismo de defesa e proteção dos perseguidos políticos. A Vicaría de La Solidariedad, por meio da revista Solidaridad, concentrou sua atuação na denúncia das violações de direitos humanos e na coleta e produção de testemunhos de presos políticos e perseguidos pela Junta Militar. Nesse sentido, este trabalho buscará analisar os testemunhos publicados na revista Solidaridad e identificar o discurso político adotado, as denúncias contra a repressão da ditadura militar e suas narrativas acerca do golpe. As recentes declarações insensíveis e desrespeitosas do Presidente Jair Bolsonaro acerca da ditadura chilena nos fazem acreditar na importância de se discutir e denunciar os crimes cometidos durante o regime militar, recuperando, portanto, a dor e a memória das vítimas de Augusto Pinochet.



## Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 7. A História dos Intelectuais como aporte para a pesquisa das práticas políticas no Uruguai do Oitocentos

**Elvis de Almeida Diana**

Doutorando em História - UFMG/Bolsista CAPES - UFMG  
eaediana844@gmail.com

**Palavras-chave:** "Nova" História Política; História dos Intelectuais; práticas políticas; Século XIX; Uruguai;

Com a renovação dos postulados da História Política, realizada pelos historiadores franceses encabeçados por Rene Remond a partir do último terço do século XX, os intelectuais também passaram a ser um dos objetos da pesquisa histórica (REMOND, 2003). Nesse sentido, conforme definiu Jean François Sirinelli, a História dos Intelectuais se encontra em “[...] um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural” (2003, p. 232) e, dentre outras questões, viria a se dedicar aos estudos sobre os “itinerários”, as “redes de sociabilidades” (SIRINELLI, 2003) e as “gerações” destes intelectuais (SIRINELLI, 1996; SIRINELLI, 2003). Além destes conceitos e postulados teórico-metodológicos, também consideramos muito pertinente estarmos atentos às “mediações” de caráter político-cultural que os intelectuais empreenderam e empreendem como forma de prática política e de intervenção nos mais variados contextos históricos (SIRINELLI, 2003; GOMES; HANSEN, 2016). Nesse sentido, esta proposta de comunicação tem o objetivo de tratar sobre as contribuições que a História dos Intelectuais pode nos proporcionar na empreitada de projetarmos novos olhares sobre as práticas políticas realizadas pelos intelectuais uruguaios do século XIX, ainda mais em um contexto em que era necessário se pensar e construir a nação uruguaia pós-independência e em meio à busca pela “estabilidade” da República. Desse modo, acreditamos que a História dos Intelectuais se constitui em um norte teórico-metodológico fundamental para pensarmos os “novos papéis” daqueles intelectuais e suas práticas políticas estabelecidas por meio da imprensa, dos seus escritos literários, das associações, dos partidos, dentre outras formas de atuação. Além disso, a História dos Intelectuais faz com que nos distancie de visões historiográficas mais “tradicionais”, as quais os concebiam, em nossa perspectiva, simplesmente como “grandes homens”, totalmente descolados de sua realidade política, cultural e social.



## | Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 8. 1964: E os perigos de uma revisão na História

**Lucas André Da Luz Silva Dias**

Graduando - UFT  
daluzsilvadias@gmail.com

**Nome Jodiel Brito Dias**

Graduando - UFT

**Nome Samuel Martins**

Graduando - UFT

**Palavras-chave:** Revisionismo; Ditadura militar; Historiografia; Conjuntura; História.

O presente artigo tem por objetivo analisar as implicações que, podem através da desinformação ocasionar uma revisão na história por meio de questionamentos de verdades históricas. Teremos como base os recentes ataques de grupos que afirmam a não ocorrência de uma ditadura militar no Brasil, isso com o passar dos anos vem ganhando força, esse crescimento se deve entre outras coisas a um passado não resolvido com o regime, evocando dessa maneira 55 anos depois, memórias individuais e coletivas em torno de um misticismo sobre o golpe militar. A partir das leituras e uma revisão bibliográfica sobre a historiografia do regime militar pretendemos compreender o crescimento desse movimento e os perigos que sua expansão oferecem a história, descredibilizando e deslegitimando a autoridade do historiador. Analisaremos textos, jornais, sites e a conjuntura política atual, confrontando os dados colhidos com nossa base bibliográfica, para assim, chegar a uma conclusão, de que houve um aumento no revisionismo historiográfico e que isso representa um risco a forma como interpretamos, entendemos e construímos a história. Em um momento em que a história é questionada, lançamos nossa contribuição para o debate.



## | Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 9. As narrativas dos jornais O Globo e Estadão – um marco temporal do dia do afastamento definitivo de Dilma Rousseff da presidência da República

**Raphael Resende Duarte**

Pós-Graduando em Estudos de Linguagens - CEFET-MG

raphaelrduarte@hotmail.com

**Palavras-chave:** Política; Mídia; Fontes; Historiografia; Democracia.

O impeachment de Dilma Rousseff é um dos acontecimentos mais marcantes da história contemporânea do Brasil, já que, foi o segundo afastamento de um presidente do cargo após a redemocratização do país. Levando em consideração à relevância do tema para os dias atuais, essa comunicação tem como objetivo abordar a cobertura da imprensa ao desfecho do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Para isso, foi utilizado o método de análise de enquadramento noticioso, dando ênfase à análise das fontes ouvidas nas reportagens de capa dos jornais O Globo e Estadão, das respectivas edições do dia 31 de agosto de 2016. O eixo teórico desse trabalho, levanta ainda discussões sobre a importância da democratização dos meios de comunicação no Brasil, e sobre o uso e escolha das fontes no jornalismo brasileiro, como forma de se verificar se houve pluralidade da imprensa na cobertura deste que foi um dos momentos mais marcantes para a história do nosso país. Na pesquisa, buscou-se evidenciar as omissões, saliências e distorções presentes nas matérias dos jornais que foram analisados, além de se ter observado grande número de fontes oficiais nas matérias desses jornais.



## Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 10. “Enterrando os mortos em suas entranhas” A tradição oral nos estudos da expansão Mane-Sumba em Serra Leoa

**Robertth Daylon dos Santos Freitas**

Graduando - UFMG

roberthdaylon@gmail.com

**Palavras-chave:** Tradição-Oral; Mane-Sumba; Sapes; Serra Leoa; Senegâmbia.

O excerto que serve de título a essa apresentação foi retirado do relato de viagem de André Doneha. O objetivo do autor em seu relato é descrever o espaço geográfico dos Rios da Guiné, referido pela historiografia como Sengâmbia. Outros viajantes como André A. Almada deixa claro que os acontecimentos que narra em seu tratado se baseiam em conhecimentos dele e de outros portugueses e africanos à que ele teve acesso por vias orais. Na leitura da documentação fica clara a mobilização do autor das tradições orais da senegâmbias, elas aparecem registradas no tratado por diversos motivos, ora para exotizar os grupos e regiões que estão sendo descritos, ora para fornecer explicações sobre aspetos culturais e políticos dessas sociedades. Os relatos de viagem demonstram a importância das tradições orais para a compreensão da realidade senegâmbiana, mas o uso dessas mesmas tradições pela historiografia foi tardio e é ainda incipiente. Uma dessas tradições orais vem sendo objeto de uma pesquisa de iniciação científica da qual faço parte. Tratam-se de narrativas sobre a expansão dos Mane, um grupo de africanos falantes da língua mande e possivelmente dissidentes do império do Mali, sobre um território habitado e governado pelos Sapes, múltiplas nações falantes da língua Sapi da qual genericamente recebem o nome, que ocorreu durante o século XVI. A análise das muitas versões desse mito, a partir de metodologia como a utilizada por Manuel Bivar Abrantes em sua tese de doutorado, nos permite compreender diferentes aspectos tanto das sociedades Mane quanto das sociedades Sape pr'além da sua relação com europeus. Esse trabalho tem como objetivo dar atenção às especificidades da expansão Mane-Sumba em Serra Leoa das outras expansões Mandé na Senegâmbia. Para isso nos ateremos à trechos das fontes que parecem conter em si indícios de informações transmitidas oralmente aos interlocutores europeus que as registraram e principalmente de tradições orais em formação/consolidação.



## Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 11. Ensino e Ditadura Militar: o uso da disciplina Educação Moral e Cívica como instrumento de controle político no Colégio Estadual Central de Belo Horizonte.

**Bruno Geraldo Guimarães Gonçalves**  
Especialista em Ensino de História - UFSJ  
brunohistoria.fafich@gmail.com

**Palavras-chave:** Ditadura Civil-Militar, Educação Moral e Cívica; Colégio Estadual Central.

O presente estudo busca como objetivo analisar o contexto político e educacional dado durante o período da Ditadura Civil-Militar, demonstrando políticas públicas que haviam por detrás do propósito político em especial da instituição da disciplina “Educação Moral e Cívica”. Esta foi efetivada como instrumento de controle pelo regime político e seus princípios alicerçam construção de um novo projeto pedagógico curricular implementado nas instituições de ensino, tendo como referência a Doutrina de Segurança Nacional, em especial no Colégio Estadual Central localizado em Belo Horizonte. Instituição de ensino que trazia consigo todo cenário político de contestação estudantil, consolidando assim, o período denominado por diversos estudiosos como “Anos de Chumbo” em detrimento da construção de um ambiente repressor político institucional.



## Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 12. Ditadura, cinema e futebol: uma análise de “Pra frente Brasil” e “O ano em que meus pais saíram de férias”

**Carolina Fernandes Del Rio Hamacek**  
Graduanda em História - PUC Minas  
carolinahamacek@hotmail.com

**Palavras-chave:** Cinema; Futebol; Resistência; Ditadura; Memória.

Esta comunicação tem como finalidade analisar os filmes “Para frente Brasil” e “O ano em que meus pais saíram de férias”, e a partir disso pretende-se expor uma reflexão sobre o período ditatorial militar brasileiro, através da análise do olhar cinematográfico a respeito do conflito. Pretende-se elencar como o cinema serviu como importante instrumento de memória, resistência e crítica em um momento tão obscuro do país, ao mesmo tempo expondo de que forma o futebol foi utilizado como meio de alienação. O objetivo geral é explorar e analisar os discursos abordados nos filmes e seus respectivos posicionamentos, e os mecanismos utilizados pelos mesmos como meio de objeção ao período ditatorial, que contribuem para a valorização da memória sobre o conflito. Além de analisar o papel essencial da memória e da identidade como fundamental retomada salvadora do passado. A década de 1970 foi a mais conturbada para o cinema latino-americano, tendo em vista a presença repressora das ditaduras. O cinema passa então a ser utilizado como artifício para camuflar as torturas e as mortes, os diretores contratados pelas autoridades militares, faziam pequenos filmes com exaltação das ações positivas do governo, e da história do país, com grandes heróis nacionais e seus feitos. Já o futebol, na copa do mundo de 1970, se torna instrumento de alienação das massas. Enquanto a população comemorava os gols de Pelé e Carlos Alberto, cantando músicas como “para frente Brasil” ou “a taça do mundo é nossa”, pessoas eram torturadas e mortas pelo governo brasileiro. Após a ditadura o cinema e o futebol assumem um novo papel. Para abarcar tal discussão no referente trabalho, foi utilizado como referencial teórico e bibliográfico: CARNEIRO, Ana Marília – Signos da política, representações da subversão: a divisão de censura de diversões públicas na ditadura militar brasileira; SILVA, Debora Raiza Carolina Rocha- “Uma resposta de vida” A ditadura militar brasileira: memórias femininas no filme Que bom te ver viva (1989); BETHELL, Leslie- História da América Latina. A América latina após 1930. Ideias, Cultura e Sociedade, vol.3; BORGES, Luiz Henrique de Azevêdo- Do complexo de vira-latas ao homem genial: futebol e identidade no Brasil. entre outros. Até





o presente momento, foi possível identificar através das análises das fontes que o cinema e o futebol brasileiro vem quebrando tabus, desenterrando memórias de âmbito privado e expondo para o espaço público.



## Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 13. Guerra Catilinária e corrupção: Estudo sobre as estruturas romanas na República Tardia

**Bárbara Amaral Liguori**  
Graduanda - UFOP  
barbara\_aliguori@yahoo.com

**Palavras-chave:** Corrupção; Conjuração; Catilina, República Tardia.

Roma, no século I a.C., viveu um momento conturbado, caracterizado pelo declínio da República e ascensão do Império. Período não somente de rupturas, mas de ampla fronteira com “momentos imperiais em meio à república e momentos republicanos em meio ao império” (Faversani, 2013), onde destaca-se a questão da corrupção moral e a incapacidade da instituição governamental em manter a população sob controle. Nesse contexto, surgem personagens que, de alguma forma, tentaram subverter essa ordem instaurada com estratégias anti-sistêmicas e de resistência objetivando a transformação do Estado e da sociedade. É o caso de Lúcio Sérgio Catilina, que cansado dos abusos dos senadores e demais representantes romanos, junto de seus seguidores, entra em guerra contra Roma, a qual ficou conhecida como Guerra Catilinária ou Conjuração de Catilina. O presente estudo se volta para esse momento de vicissitude do cenário sócio-político latino, bem como para o papel da corrupção na queda da república, como a sociedade foi afetada, e o que possibilitou o surgimento de Catilina. Um aspecto que chama a atenção é a centralidade da corrupção tanto de costumes, quanto financeira e política presente nos grupos em conflito em torno de Catilina. Ambas as partes se acusam e justificam mutuamente suas ações como forma de colocar freio à desmedida dos outros. É um cenário onde todos acusam a todos de corrupção e, ao mesmo tempo, apresentam-se como aqueles que podem redimir a República Romana desse domínio da corruptela. Outros elementos são incorporados à chave de pesquisa ao propor os romanos “lançados no luxo e nos vícios, [...] se tornando amantes de ambições desmedidas sem almejar o bem da república, mas apenas seus interesses pessoais” (Faversani, 2013). Em qual medida a estabilidade precária – catalizadora da guerra civil – era resultado da desordem das instituições públicas e dos próprios governantes, que moralmente corrompidos levavam a república à ruína? Como uma sociedade marcada por valores morais, que é acusada de corrupção, não colapsaria? Como emerge dessa instabilidade alguém que romperia o sistema e recuperaria o ‘passado glorioso’ de Roma? Proponho responder tais questões, mantendo em



vista a figura de Catilina e os conflitos produzidos em torno dele, enfatizando a corrupção como motor da atuação política.



## **Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas**

### **14. Noivas do Cordeiro, uma comunidade outsider? História, organização econômica e social, dilemas e reflexões**

**Raphael Soffe Meirelles**  
Pós-Graduado - UFSJ  
effosmeirelles@yahoo.com.br

**Palavras-chave:** Comunidade; Noivas do Cordeiro; Outsider; Resistência

A apresentação versará sobre o processo de formação da Comunidade Noivas do Cordeiro estabelecida na cidade de Belo Vale - MG e sua organização econômica e social, bem como, a história de resistência de seus membros as mais variadas instituições e julgamentos morais. Comunidade essa que se diferencia, nesses aspectos, da ordem capitalista vigente e apresenta uma peculiaridade em sua composição social, a maioria de seus membros são mulheres. A proposta é fazer uma reflexão da comunidade a partir do conceito de “outsides” de Norbert Elias e Jonh L. Scotson.



## Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 15. A Congada no Brasil: Tradição Ibérica e Sincretismo

**Andressa Lopes Gomes Marques Menezes**

Graduanda em História - PUC Minas  
adressagoo124@gmail.com

**Carolina Fernandes Del Rio Hamacek**

Graduanda em História - PUC Minas  
carolinahamacek@hotmail.com

**Palavras-chave:** Festa Popular; Sincretismo Religioso; Tradição

O congado ou congada compreende um conjunto de práticas e expressões da religiosidade e da característica da cultura local, por se tratar de uma celebração que abrange vários estados do país, em especial dos grupos de praticantes da devoção aos santos padroeiros: Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. De origem Luso-afro-brasileira, uma vez que a devoção de Nossa Senhora do Rosário foi introduzida ainda na África pelos dominicanos no final do século XV, ao fornecer elementos europeus estrategicamente como forma de dominação religiosa. Desde o início da colonização a igreja no Brasil reforçou essa crença, enquanto os negros juntaram esses elementos às celebrações que sempre permearam a cultura africana para dar formato e brilho à festa. A celebração é conhecida por muitas regiões como expressão viva apenas da cultura negra e afrodescendente uma interpretação da mistura e da preservação das nossas heranças africanas, apesar de ter também sofrido uma influência portuguesa. Portanto, o que compreendemos hoje como Congado é o resultado do sincretismo entre a religiosidade africana, portuguesa e, mais tarde brasileira. É a partir dessa crença em Nossa Senhora do Rosário que, tradicionalmente, no mês de Outubro, os devotos realizam a cerimônia do Congado. O papel das irmandades na formação da Congada foi fundamental levando em consideração que as irmandades permitiram aos negros e aos mestiços, serem livres, escravos ou alforriados, de se reunirem de forma lícita e reencontrar laços de herança e memória coletiva das terras ancestrais. A Congada, enquanto comemoração, é um lugar de memória simbólico e, neste sentido, atualiza a memória social dos grupos negros que dela participam, e, por conseguinte, suas identidades. Nossa proposta de abordagem sobre a Congada consiste, em suma, em analisar os padrões culturais ibéricos da congada tanto na temporalidade estrutural quanto na fatural, além de analisar o sincretismo



religioso presente nesta manifestação cultural como meio de resistência das irmandades de negros, para a perpetuação de suas práticas culturais.



## | Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 16. Entre inventários e memórias: uma breve história da capoeira

**Ana Laura Pelegrine Pedroso**

Graduanda em História - PUC Minas  
alppedroso@sga.pucminas.br

**Joyce Angel Nunes Silva**

Graduanda em História - PUC Minas

**Cynthia Maia**

Graduanda em História - PUC Minas

**Palavras-chave:** Resistência; Capoeira; Afrodescendentes.

Este trabalho tem como objetivo revisar algumas leituras realizadas sobre a Capoeira como patrimônio cultural imaterial. Originalmente, foi analisado juntamente com a Capoeira, o Samba do Recôncavo Baiano, no entanto um recorte da pesquisa se fez necessário, levando em conta o tempo que o grupo disporá para a apresentação. A base teórica principal utilizada, foi os dados fornecidos nos dossiês do IPHAN a cerca da temática. A escolha de tais representações culturais se deve a importância de se revisitar e disseminar o conhecimento sobre as formas de luta e resistências presentes na formação da sociedade Brasileira, principalmente em um contexto tão problemático, onde há um banalização dessas práticas de preservação de memória, e uma negação da escravidão e sua influência na formação de sociedade Brasileira.



## Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 17. Música através da Resistência

**Laura Meniconi Rezende**

Graduanda em História - PUC Minas

**Sophia Souza Gomes de Melo**

Graduanda em História - PUC Minas

Sophiasgmelo@gmail.com

**Palavras-chave:** Música; Arte; Resistência; Ditadura.

Este trabalho aborda o contexto de músicas compostas por artistas contra a ditadura militar brasileira (1964 – 85), que apresentam subjetividades de cada contexto e cada artista. Sabe-se que, como consequência da Guerra Fria, os Estados Unidos decidiram financiar a ditadura no Brasil, com o propósito de mantê-lo no lado capitalista. Segundo Marcelo Ridenti, o regime militar foi um paradoxo, haja vista que este sempre sustentou a ideia de que se constituía em uma defesa pela democracia ao lado do capitalismo. Embora houvesse forte repressão durante a ditadura, artistas da Música Popular Brasileira (MPB) resistiram e protestaram compondo músicas que continham ambiguidades. Entre as mais conhecidas está a música “Apesar de Você”, de Chico Buarque, que foi censurada logo depois de ser lançada, em 1970, no Governo Médici, no auge da ditadura. Chico foi perseguido e teve que se exilar do próprio país. “Em 1978, a música foi lançada novamente, já liberada pela censura”. “London London”, composta por Caetano Veloso, demonstra os sentimentos de tristeza, angústia, solidão e gratidão por estar vivo do artista, enquanto se encontrava no exílio na Inglaterra. Trechos de ambas as músicas, como “Você vai pagar e é dobrado/Cada lágrima rolada/Nesse meu penar” e “Um grupo aborda um policial/Ele parece tão satisfeito em poder atendê-los”, retratam bem o sentimento de raiva e de justiça de Chico, assim como a surpresa de Caetano ao ver que o policial estava satisfeito em atender às necessidades dos cidadãos, enquanto no Brasil isso não seria possível naquele momento político, tendo em vista o autoritarismo do Estado e dos militares brasileiros. “Apesar de você”, apresenta um verso muito expressivo: Você que inventou esse estado/E inventou de inventar/Toda a escuridão/Você que inventou o pecado/Esqueceu-se de inventar/O perdão; nele, a palavra “estado” apresenta ambiguidade, que, pode ser tanto estado no sentido de “situação” ou Estado autoritário. A maior crítica se deve à promessa dos militares de que aquele seria um regime transitório, e que não duraria muito tempo (o que não ocorreu, porque este durou 21 anos), juntamente da grande





quantidade de torturas utilizadas pelas forças armadas como tentativa de silenciar os movimentos contra a ditadura. Um dos trechos mais conhecidos de “London London”, é: “Enquanto meus olhos saem procurando por discos voadores no céu” e, este verso demonstra que ele não tinha nenhuma preocupação em Londres como a perseguição política.



## | Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 18. Reagindo ao luso-tropicalismo: colonização e projetos de civilização em Moçambique

**Ivangilda Bispo dos Santos**

Mestranda - UFMG

ivangildabs@yahoo.com.br

**Palavras-chave:** Luso-Tropicalismo; Colonização; Moçambique; Teoria-ambulante.

O luso-tropicalismo é uma teoria formulada pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre na década de 1950 que foi seletivamente apropriada pelo Estado Novo português com o objetivo de manter suas colônias no continente africano e asiático. Baseada no ideal de excepcionalidade do povo português, esta concepção civilizacional não esteve restrita aos usos que seu criador e o governo lhe atribuíram. Em Moçambique vários sujeitos reagiram ao luso-tropicalismo nas últimas décadas da colonização de acordo com as suas vivências e interesses. Pretende-se demonstrar no presente trabalho como a circularidade desta teoria influenciou comportamentos, mudanças legislativas e instigou reações em relação à administração colonial a partir dos posicionamentos de Manuel Saraiva Barreto (1954), Sebastião Soares de Resende (1959), António de Almeida Santos (1962/1974) e Eduardo Chivambo Mondlane (1969).



## Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 19. Os jovens no festejo de Nossa Senhora do Rosário em Catalão/GO: cultura, tradições e saberes

**Suzana Lissa Rosa Silva**

Graduanda em História - PUC Minas  
suzanalissaa@gmail.com

**Palavras-chave:** Congada; Jovens; Saberes; Tradição.

O artigo é fruto de uma pesquisa aprovada no PROBIC - PUC Minas e com o financiamento da FAPEMIG. O objetivo deste trabalho consistiu em analisar como se dá a participação e a permanência de jovens nos festejos em louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão/GO. Trata-se de uma manifestação religiosa que nesta cidade já vem sendo celebrada há 142 anos, portanto, mais de um século. A Congada, como é conhecida na cidade, se refere a cultura negra em suas expressões ritualísticas de influências africanas na celebração em homenagem à Nossa Senhora do Rosário e aos santos pretos, São Benedito e Santa Efigênia. Um grande número de ternos de congada é formado por jovens, levados por seus familiares desde criança, pela própria devoção ou admiração pela Santa. A proposta de investigação privilegiou os jovens como sujeitos e teve como objetivo refletir sobre os sentidos de pertencimento e, principalmente, as práticas sociais, portanto, educativas (ALVES, 2008), que contribuem para a permanência deles nessa festa. Indiretamente, também compreender sobre a importância da manutenção das tradições, das celebrações e dos saberes para a cidade de Catalão. Jovens, independente da geração, tem vontade própria e são abertos a receber influências. Em que pese as influências da globalização e a constituição dos sujeitos na sociedade contemporânea, refletir sobre a presença de jovens em uma tradição secular, além de ser curioso, pode contribuir para os debates sobre a manutenção de identidades e do pertencimento. Do mesmo modo, para a sobrevivência de aspectos culturais e sociais, valorização das manifestações, crenças e tantos outros aspectos como econômicos, turísticos e sociais. Manter vivo o passado como tradição significa, no caso de Catalão, incluir a festa nas atrações turísticas, gerando renda, claro, mas, destacando a cidade para o mundo e, fazendo com que as comunidades possam, com base em suas demandas e características, criar formas de sobrevivência, crescimento e afirmação. É o passado que se reatualiza trazendo a cada momento novos elementos para uma manifestação que insiste em permanecer. Como são outros tempos,



espaços e sujeitos ela nunca será a mesma apesar da manutenção de muitos desses elementos (ALVES, 2008).



## Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 20. Allende e a Via Chilena para o Socialismo: memória e narrativas no Jornal Estado de Minas (1970-1973)

**Juliana S. Soares**

Mestre em Educação - PUC Minas  
jusouzahist@gmail.com

**Mariana Brescia Cruz**

Graduada em História - PUC Minas  
marianalvt@gmail.com

**Palavras-chave:** Socialismo; Ditadura chilena; Periódicos

No dia 11 de setembro de 1973, as chamas do Palácio de La Moneda concretizaram o golpe arquitetado pela direita chilena, concentrada em torno do Partido Nacional (PN), para depor o presidente eleito democraticamente Salvador Allende. De acordo com Alberto Aggio (2008), a queda de Allende foi o resultado das inúmeras ações “legais e extralegais da direita chilena, com inegável apoio externo” (AGGIO, 2008, p. 79), que buscaram deslegitimar o governo da Unidad Popular (UP) por meio de um processo que não só atacava a legalidade das ações governamentais, mas também estimulava a polarização ideológica através da neutralização da Democracia Cristã (DC), partido que fazia parte do centro da política chilena. A queda do presidente socialista marcou profundamente a história do Chile dando início a uma ditadura militar que durou até 1990. O presente trabalho tem como objetivo investigar as narrativas jornalísticas apresentadas nas publicações veiculadas no Jornal Estado de Minas sobre o Golpe Militar no Chile. Para tanto se fez um recorte temporal de 1970-1973 período esse que abrange publicações desde as eleições de Allende ao Golpe Militar proferido por Pinochet. Nessa primeira fase da pesquisa, em que foram analisadas o primeiro ano de Governo de Salvador Allende, é possível perceber um especial enfoque nas publicações do Jornal Estado de Minas em apresentar um cenário de crise econômica e fragmentação política chilena, que viria a justificar o Golpe em 11 de Setembro de 1973. A escolha do Jornal Estado de Minas como fonte se justifica por ser o mesmo, o mais antigo (fundado em 7 de março de 1928) e o de maior circulação no Estado.



## Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 21. Transgredindo e subvertendo a ordem: músicos e dançarinas de origens africanas nas Minas Setecentistas

**Keli Carvalho Nobre de Souza**

Doutoranda - UFMG

kelinobre27@gmail.com

**Palavras-chave:** Africanização, Músicos, Dançarinas, Igreja, Minas setecentistas

Resumo Minas Gerais, desde seus primeiros anos, tornou-se um dos agrupamentos com maior diversidade étnica da América Portuguesa. Em poucas décadas, havia se fundado uma sociedade complexa do ponto de vista étnico e cultural, com vilas, muitos arraiais e extensa rede de comunicação e comércio com outras capitanias. Encontrava-se, em seu território escravizados das mais diversas áreas do continente africano. A diáspora destes povos trouxe para esta região o maior contingente de indivíduos, tornando-se, inclusive, numericamente superior a qualquer outro grupo de habitantes das Minas do Ouro ao longo do século XVIII. Diante da grande quantidade de africanos, os estudos da Diáspora vêm analisando a agência dos africanos e mostrando como os mesmos criouliaram e/ou africanizaram as regiões onde viveram. A presente proposta de comunicação se insere neste campo de estudos, pretende analisar as ações transgressoras e subversoras dos músicos e dançarinas de origens africanas na sociedade mineradora no dezoito, no intuito de refletir sobre a contribuição dos mesmos para o processo de africanização das festas nas Minas setecentistas. Para tanto serão apresentados documentos que evidenciam as normas da Igreja acerca das músicas que deveriam ser tocadas nas Igrejas e festejos das irmandades, e o descumprimento das mesmas pelos africanos, que tocavam instrumentos de origens africanas, e dançavam e cantavam canções em línguas também africanas durante as missas e as festas. Além disso, será também pensada neste contexto a dança de Tunda ou Acotundá, praticada por Joseja Maria de nação Coura, e sua relação com a religiosidade praticada no reino de Uidá, na região do Benim. Pretende-se que com isso se possa pensar a transgressão dos africanos em cantar, tocar e dançar como resultado da recriação de tradições africanas no mundo do cativo e da circulação de saberes entre africanos de diferentes origens, em especial a partir de um fundamento da cultura banto associada ao cristianismo.



## | Resumo das Comunicações do ST – Resistências, Culturas e Práticas Políticas

### 22. Origens Históricas da Maçonaria

**Luiz Marcelo Viegas**

Pós-graduado em Filosofia e História - UNINTER-PR  
luizmarceloviegas@hotmail.com

**Palavras-chave:** Maçonaria; Origens; História; Sociedade Secreta

A maior dificuldade em se traçar a origem da Maçonaria é o fato dela não ter um fundador. Ela é fruto da evolução do homem e, tal como ele, também se desenvolveu e se transformou durante os séculos. O certo é que nunca houve uma maçonaria, mas sim várias maçonarias. E, entre elas, neste trabalho voltamos nosso olhar especialmente para aquelas que surgiram na Escócia e na Inglaterra. Nosso objetivo é mostrar como se formou a maçonaria primitiva, como surgiu a maçonaria dos construtores de catedrais e as influências que, durante os séculos, levaram ao nascimento da moderna maçonaria, também chamada de “especulativa”. Mas, qual a origem dessas corporações? O que as diferenciava de outras corporações de ofício que existiam na Idade Média? Estas são perguntas feitas por diversos historiadores maçônicos, que viram então a necessidade de se aprofundar a pesquisa, na tentativa de se descobrir como elas começaram a existir. Entre os autores consultados durante a nossa pesquisa podemos citar Nicola Aslan, Alain Bauer, Harry Carr, José Castellani, Jose Ferrer Benimeli, Albert Mackey e David Stevenson, além de artigos escritos por outros pesquisadores e estudiosos do tema. Este trabalho, resultado de extensa pesquisa bibliográfica, deixa de lado as lendas que rondam o imaginário popular e de diversos membros da ordem e nos permite identificar como os construtores das catedrais góticas da Idade Média, a Reforma Protestante, a Renascença, uma terrível guerra civil entre monarquistas e parlamentaristas, que culminou com Carlos I tendo sua cabeça cortada, a criação da Royal Society em 1660, o incêndio de Londres em 1666, e a proliferação dos clubes na Inglaterra do início do século XVIII, culminaram na formação daquela que é uma das mais antigas sociedades secretas do mundo.



## SIMPÓSIO TEMÁTICO – COMUNICAÇÃO LIVRE

### Coordenação

**Marcus Vinícius Costa Lage**  
Doutorando em História – UFMG  
mvclage@gmail.com

**Mateus Roque da Silva**  
Graduado em História – PUC Minas  
mateusroques@yahoo.com

**Letícia Costa Marcolan**  
Graduanda em História – PUC Minas  
lcmarcolan@gmail.com

### Comunicações

1. FERREIRA, Alvaro Icaro Samora. *O Candomblé Nas Minas Gerais E A Intolerância Religiosa.*
2. FERREIRA, Gabriela Alves. *O impacto da campanha do movimento negro de valorização de identidades ocorrida em 1991 segundo o censo demográfico do IBGE de 1980, 1991 e 2000.*
3. FURTADO, Felipe Pereira. *As múltiplas experiências dos sujeitos escravizados: resistência, conflito e negociação.*
4. ROSAS, Camille Siray Bicalho. *Cotidiano nas Minas coloniais.*
5. VIEGAS, Luiz Marcelo. *História da cultura material.*





## Resumo das Comunicações do ST – Comunicação Livre

### 1. O Candomblé Nas Minas Gerais E A Intolerância Religiosa

Alvaro Icaro Samora Ferreira  
UniBH  
alvarosamoura@gmail.com

**Palavras-chave:** A intolerância religiosa no Brasil é uma questão cultural ou política?

O Brasil é um país laico, e não tem, conseqüentemente, uma religião oficial, mas, apesar da liberdade religiosa garantida por lei, a intolerância religiosa ainda é bastante presente na sociedade brasileira. No período colonial brasileiro, os negros africanos foram escravizados e obrigados a seguir o cristianismo católico, até então a religião oficial de Portugal, e assim tiveram suas culturas marginalizadas e encobertas. Essa intolerância perpassou até os dias atuais, e hoje é propagada através de ideologias sectaristas e proselitistas de alguns líderes religiosos que fomentam na sociedade, através de seguidores fundamentalistas, a violência física e simbólica, principalmente contra as religiões afro-brasileiras. O objetivo deste artigo é fazer um estudo sobre os casos de intolerância ocorridos nos terreiros de candomblé.



## Resumo das Comunicações do ST – Comunicação Livre

### 2. O impacto da campanha do movimento negro de valorização de identidades ocorrida em 1991 segundo o censo demográfico do IBGE de 1980, 1991 e 2000

**Gabriela Alves Ferreira**

Graduanda em História – PUC Minas  
goodvivel.ferreira@gmail.com

**Palavras-chave:** Identidades; Branqueamento Racial; Censo Demográfico; Desafios Étnico-raciais.

As práticas militantes em prol de assuntos étnico-raciais foram de grande relevância para reafirmação racial dos indivíduos afro-brasileiros se identificarem como tal. A campanha de valorização de identidades organizada pelo movimento negro durante o recenseamento de 1991 teve como objetivo reforçar a diversidade, movendo-se contra a tendência do branqueamento racial. A finalidade desse projeto é analisar através dos censos demográficos do IBGE se existiu algum impacto na sociedade brasileira ao se declararem como negro/pardos. O recorte temporal para a análise foi o censo anterior a campanha, ou seja, 1980. A campanha foi divulgada em 1991, no mesmo ano que estava ocorrendo outro o Censo Demográfico. Em vista disso essa data também foi escolhida para ser analisada. O próximo censo ocorreu em 2000, e para que a análise seja completa e coesa, também foi escolhido essa data. Distante de ser um procedimento apenas técnico os censos retratam uma realidade muito complexa, principalmente se tratando de questões étnico-raciais. Portanto, ele apenas ressalta o quão desafiador abordar esse tema no Brasil.



## Resumo das Comunicações do ST – Comunicação Livre

### 3. As múltiplas experiências dos sujeitos escravizados: resistência, conflito e negociação

**Felipe Pereira Furtado**

Graduando em História – PUC Minas

felipemecanica2015@gmail.com

**Palavras-chave:** Escravidão; Resistência; Conflito; Negociação.

O país importou, de forma sistemática, africanos que deixaram seu continente de maneira compulsória a partir de meados do sec. XVI até a metade do sec. XVIII, pois a Lei Eusébio de Queiroz, promulgada em 1850, proibiu o tráfico. Mas há registros de envio ilegal de africanos entre 1858 e 1862, estima-se que 4,8 milhões de africanos desembarcaram no país de 1550 até as últimas décadas de 1860; no entanto, o comércio interno se estendeu até o “fim” oficial da escravidão, em 13 de maio de 1888, através da assinatura da Lei Áurea, pela Princesa Isabel. O tráfico trouxe, a princípio, africanos da costa oeste da África por uma facilidade de deslocamento até os portos, pois exigia menos esforço para se aprisionar os africanos. À medida que a demanda por essa mão-de-obra aumentava; a captura se estendia para o interior do continente. As situações, ao longo da travessia do atlântico, eram degradantes. Homens, mulheres e crianças, eram acorrentados nos porões dos navios, amontoados em espaços pequenos, sem acesso a comida e água, ademais, muitos não resistiam e morriam no decorrer da viagem. Ao tratar algumas situações específicas e resultantes das experiências dos escravos no Brasil que, encontrariam meios de se opor à situação imposta pelo processo escravista assim submetidos. Desse modo, pode-se notar questões interessantes diante da participação de negros escravizados, aparecendo em diversas formas: resistência, conflito e negociação. A resistência traduzida em fugas; sabotagens; insurreições; criação de Irmandades; formação de quilombos; o suicídio e revoltas, como o Levante dos Malês na Bahia, se fazia constante nesse ambiente. Além da negociação presente nesse contexto, tornando-se uma importante ferramenta. Levando-se em conta o que foi apresentado acerca do processo de escravização no Brasil, que trouxe inúmeros negros da África, conclui-se que diversos indivíduos escravizados não foram passivos diante das adversidades impostas pelo cativo. Pelo contrário, se valeram de inteligência, astúcia e coragem, criaram mecanismos de resistência, aproveitaram conjunturas favoráveis e circunstâncias do momento, com intuito



de obterem, não só, a liberdade, mas melhores condições de vida e trabalho ou por qualquer outro benefício.



## Resumo das Comunicações do ST – Comunicação Livre

### 4. Cotidiano nas Minas coloniais

**Camille Siray Bicalho Rosas**  
Graduanda – PUC Minas  
camillesiray2013@gmail.com

**Palavras-chave:** Cotidiano; Minas; Mulheres.

Esse trabalho tem por objetivo apresentar relatos históricos sobre alguns aspectos da vida privada nas Minas Coloniais com base na leitura do capítulo Intitulado “As mulheres nas Minas do Ouro e dos diamantes da obra História de Minas Gerais- Minas setecentistas” organizado por Resende & Villalta. Nessa época incomum ao tratamento dado as mulheres, da elite ou não, no capítulo estudado, Furtado relata casos de mulheres que se destacaram na guerra, na literatura, organizadora de motins e senhoras de terra. A autora justifica a importância desses relatos devido ao fato de que a guerra, a palavra, o exercício do mando e a rebelião eram privilégios do mundo masculino. E afirma que “o relato desses acontecimentos nos aponta as possibilidades que as Minas do Ouro e dos diamantes abriram para o universo feminino e a heterogeneidade de papéis que as mulheres puderam ali desempenhar”. Em algumas capitâneas os forros era composto na sua maioria por mulheres, sugerindo que a sociedade mineradora oferecia mais oportunidades de libertação a elas, apesar de que muitas delas, após libertadas, ocupavam papel marginal na sociedade. Uma estratégia para fixar os colonos nas terras de Minas, era o casamento. Esse feito proporcionaria a fixação dos colonos nas terras, povoaria o território minerador, aumentaria a produção e garantiria a posse de terra. A maioria das mulheres de elite casavam-se muito jovens e os casamentos eram arranjados pelos familiares. Segundo a autora ao analisar a lista de homens mais ricos da capitania nota-se que sua maioria são homens portugueses de cerca de trinta anos de idade enquanto as moças eram de 13 a 19 anos e descendiam de famílias estabelecidas na terra a algum tempo. O casamento não se limitava à elite mineradora, escravos e os libertos também casavam-se e mesmo assim o casamento não deixava de ser uma forma de transmitir uma riqueza e permitia que a mulher dispusesse os bens do marido ainda que fossem pequenos. O dote era um mecanismo central dos casamentos. A concessão do dote feminino foi estratégia fundamental para angariar relações vantajosas. As famílias com poucos bens utilizavam o



casamento para a realização de alianças com famílias de “sangue puro” e o dote constituía a ajuda necessária para o começo de uma vida e formação de uma família. Casar também era difícil, complicado para os ricos e custoso para os pobres e a instituição religiosa exercia grande atração entre os jovens, principalmente os homens. Mas era só na viuvez que elas alcançavam a autonomia, até financeira. A autora conclui dizendo que o comportamento de inúmeras mulheres nas Minas setecentistas mostra a capacidade de criar normas inéditas de comportamento, mas também muitas vezes se fixavam no parâmetro que a sociedade impunha. Esse quadro julgo não ser muito diferente de outras épocas ou até da atualidade, considerando o quadro patriarcal.



## Resumo das Comunicações do ST – Comunicação Livre

### 5. História da cultura material

**Luiz Marcelo Viegas**

Especialização em História e Filosofia

luizmarceloviegas@hotmail.com

**Palavras-chave:** Arqueologia; História; Cultura Material; Transdisciplinaridade.

A ampliação quase ilimitada dos campos históricos reforçando a ideia de que existe uma história para tudo que é humano é uma evolução do pensamento primevo da escola que mudou o conceito de como se estuda aquela que foi chamada por Marc Bloch de a ciência dos homens no tempo. Para pesquisar essas histórias, os novos historiadores passaram a se valer de novas fontes. Entendemos que, no que se refere à cultura material, há necessariamente uma transdisciplinaridade, uma “convergência de saberes” nas pesquisas que tratam desse campo de estudos, principalmente entre a Arqueologia e a História. Podemos relacionar a cultura material ao propósito e à significação que os objetos (mercadorias, produtos, artigos, itens, materiais, artefatos, etc.) têm para um povo em uma cultura, ou seja, como influenciam ou podem influenciar na definição da identidade cultural desse grupo. Trataremos aqui do período em que o estudo cultura material esteve quase que exclusivamente restrito à Arqueologia, a criação da Academia de História da Cultura Material da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, até a Escola dos Annales, quando a concepção do que é documento histórico, do que pode ser usado como fonte de pesquisa, sofre uma grande mudança, ampliando o campo de investigação do historiador. Entre os principais autores consultados durante a pesquisa que resultou neste trabalho podemos citar José D’Assunção Barros, Fernand Braudel, Letícia Julião, Jean-Marie Pesez e Marcelo Rede. Tendo em vista os aspectos abordados, devemos estar cientes que em relação à cultura material, apesar desta não estar mais na “prateleira das curiosidades”, é essencial que o historiador procure dar a ela o valor que merece no “estudo do Homem no tempo”. A transdisciplinaridade indispensável nesse campo de pesquisa auxilia na busca das respostas que apenas uma ciência sozinha terá muitas dificuldades de encontrar. Mesmo quase 100 anos após a escola dos Annales abrir o leque do que pode ser considerada fonte histórica, rompendo com os manuais de Langlois e



Seignobos, muitos são os pesquisadores que valorizam apenas os documentos textuais, relevando a importância dos vestígios materiais.